

Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

António Pedro Macedo Nogueira Sampaio

**Território das Masseiras:
Interpretar e intervir na paisagem
considerando as múltiplas expressões do
tempo**

Tese de Mestrado
Mestrado Integrado em Arquitectura

Trabalho efectuado sob orientação de
Ivo Oliveira

e sob co-orientação de
Ana Francisca Azevedo

DECLARAÇÃO

Nome: António Pedro Macedo Nogueira Sampaio

Endereço electrónico: antoniopsampaio@gmail.com

Número do Bilhete de Identidade: 12474554

Título dissertação: Território das Masseiras: Interpretar e intervir na paisagem considerando as múltiplas expressões do tempo

Orientador: Ivo Oliveira

Co-orientadora: Ana Fransisca Azevedo

Ano de conclusão: 2012/2013

Designação do Mestrado: Mestrado Integrado em Arquitectura

Área de Especialização: Cidade e Território

Escola de Arquitectura

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

Território das Masseiras:

Interpretar e intervir na paisagem considerando as múltiplas expressões do tempo

Resumo

O Território das Masseiras encontra-se profundamente marcado pelo tempo. É o resultado de um constante acumular de marcas relacionadas com dinâmicas naturais e culturais. A especificidade do seu processo de construção tornou-o numa paisagem residual.

O tempo é um conceito amplo capaz de revelar a profunda complexidade do território em estudo. A reflexão sobre este conceito conduziu a um olhar específico sobre o território no qual foram consideradas as várias expressões que pode adquirir. Este foi o ponto de partida para o desenvolvimento de uma interpretação do território, recorrendo à experiência in-situ e à consequente construção de imagens através do desenho e da fotografia.

O projecto parte deste reconhecimento interpretativo servindo como catalisador de um conjunto de estratégias que procuram responder a determinadas problemáticas entendendo-as como oportunidades. Na intervenção o tempo foi ponto de partida, limite e resultado, uma nova etapa na construção do território.

Territory of Masseiras:

Interpret and intervene in the landscape considering the multiple expressions of time.

Abstract

The Territory of Masseiras is deeply marked by time. And the result of a steady accumulating of marks related to natural and cultural dynamics. The specificity of its construction process made it a residual landscape.

Time is a broad concept capable of revealing the deep complexity of the area under study. Reflection on this concept led to a specific view over the territory in which we considered the various expressions that it can acquire. This was the starting point for the development of an interpretation of the territory, making use of the experience in-situ and the subsequent construction of images through drawing and photography.

The project derives from this interpretive recognition serving as a catalyst for a set of strategies that seek to respond to certain issues comprehending them as opportunities. In the intervention time was the starting point, limit and result, a new stage in the construction of the territory.

INDICE

Introdução	1
Parte I - Construção de um olhar específico	5
1. Caracterização do Território das Masseiras	7
2. As expressões do tempo na construção do território	13
3. Representação e análise do território	21
4. Representar Lugares específicos do território	35
- Transição	35
- Interioridade	37
- Mecanismos	39
- Anacronismo	41
- Ruptura	43
- Confluência	45
Parte II - Projectar no tempo	47
1. Os Percursos	57
- Percurso Viário	59
- Percurso Pedonal	63
2. Espaço de articulação e comunicação	73
3. Torre de interpretação da paisagem	79
4. Plataforma de Estar	83
5. Percurso de compreensão dos sistemas hídricos	87
6. Estacionamentos	89
Conclusão	93
Bibliografia	97



Ruina de um edificio de apoio aos campos agricolas.

INTRODUÇÃO

O *tempo* é um tema que tem sido amplamente abordado em diversas áreas do conhecimento, tal como acontece na arquitetura. São inúmeras as investigações que têm desenvolvido teorias sobre a relação entre o tempo, o espaço e os processos de compreensão e intervenção numa determinada realidade física e social. A própria palavra *tempo* pode conter diversos significados e aceções variando consoante o contexto em que se aplica.

De forma a compreender este conceito associado ao estudo do território, desenvolveu-se uma análise que parte das múltiplas expressões que o tempo pode adquirir num determinado espaço. Não se pretende mostrar qual a expressão temporal mais representativa do território em estudo, pretende-se sim que cada uma seja um complemento para uma compreensão geral mais aprofundada. Foram consideradas diversas expressões do tempo que foram sendo encontradas ao longo de um processo de estudo.

O tempo pode ser cronológico, ao representar uma “*sequência temporal de factos*”¹ onde os acontecimentos são expostos segundo uma ordem lógica, numa escala temporal. Esta é uma noção do tempo que está muito relacionada com a organização dos factos históricos estando implícita uma divisão do tempo, uma separação dos acontecimentos, que se mede em séculos, em décadas, em meses ou em dias. Esta dimensão do tempo torna-se importante para conseguir sistematizar e situar alguns dos principais processos que transformaram o território. Muitos destes processos dão espessura a camadas sedimentadas, que pontualmente se manifestam e ganham protagonismo no espaço contemporâneo.

¹ CASTELEIRO, João – Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. Lisboa: Verbo, 2001, pag. 1032.

O tempo pode também estar relacionado com a meteorologia, representando o que é relativo aos fenómenos atmosféricos (temperatura, pressão atmosférica, ventos, precipitação...). Ou seja, este “*designa um estado da atmosfera em dado momento num lugar ou região, qualificando este tempo em função da sua influência sobre as actividades agrícolas e as deslocações*”².

Considerou-se ainda a sazonalidade, entendendo esta expressão do tempo “*que dura apenas o tempo de uma estação, de uma época do ano*”³. Trata-se de uma “*concepção circular do tempo que durante muito tempo prevaleceu na Antiguidade*”⁴ e que na actualidade é fundamental para compreender qualquer território.

Em qualquer território existe, implicitamente, uma dinâmica natural no sentido do equilíbrio entre todos os elementos que o constituem. Na física dá-se o nome de entropia à quantidade energia livre existente num sistema termodinâmico relacionada com uma possível evolução. A tendência desta evolução é a destruição da heterogeneidade existente. Daí a designação de entropia, visto que existe uma noção do tempo através do seu efeito sobre os elementos da paisagem.

Entende-se ainda o movimento como mais uma expressão do tempo, mais concretamente, a “*mudança de posição de um corpo ou de uma partícula, considerada relativamente a um referencial e em função do tempo*”⁵. Numa qualquer paisagem existe o constante movimento de elementos que se torna importante na sua caracterização.

O movimento e a velocidade para além de influenciar a forma como olhamos a paisagem também influencia a relação existente entre o tempo e a distância percorrida. Como a própria sensação de movimento depende das características dos espaços percorridos.

Em música, a palavra *tempo* refere-se a uma unidade de referência na execução de um trecho musical. Contém uma métrica, ou seja, um determinado ritmo que é mais facilmente explicado através do funcionamento de um metrónomo. Neste sentido, também se pode utilizar a palavra tempo para falar de questões relacionadas com o ritmo em arquitectura e paisagem. Numa qualquer paisagem existem ritmos, que dependem de uma estrutura onde estão inseridos. Estes resultam, em grande medida, da humanização dos espaços e da necessidade do ser humano os dominar e distribuir. Existem elementos que se relacionam e vão-se repetindo formando composições semelhantes às composições musicais. Aqui, estes também podem aparecer com diferentes intensidades e sensações tal como as notas musicais.

² LACOSTE, Yves – *Dicionário de Geografia - Da geopolítica às paisagens*. Lisboa: Teorema:2003, pag. 260.

³ CASTELEIRO, João – *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Verbo, 2001, pag. 3351.

⁴ LACOSTE, Yves – *Dicionário de Geografia - Da geopolítica às paisagens*. Lisboa: Teorema:2003, pag. 376.

⁵ CASTELEIRO, João – *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Verbo, 2001, pag. 2540.

Atendendo a que cada território é um espaço dinâmico com especificidades próprias propõe-se a sua interpretação tal como um palimpsesto, como resultado de um conjunto de formações específicas que se entrecruzam formando uma fisionomia específica da paisagem.

Pretende-se assim estudar um território que se tornou com o passar do tempo numa paisagem residual e onde se reconhece uma forte relação com o passado. Ainda que actualmente se percebam dinâmicas territoriais, houveram processos que, com o tempo, foram sofrendo rupturas. Assim, foram aparecendo fragmentos que se tornaram anacrónicos e, em simultâneo, desarticulados. Todas estas particularidades constroem um território imerso em oportunidades que podem ser potencializadas.

De forma a aproximar ao território em estudo e assim o compreender utilizar-se-á uma metodologia associada à experiência in-situ, à análise de bibliografia e à representação como forma de interpretação. O desenho e a fotografia serão o suporte de um processo de interpretação do espaço. Através da fotografia pretende-se criar enquadramentos, seleccionar imagens que representam uma ideia de lugar. Os elementos que se desenharam e a forma como são colocados em confronto produzem uma síntese, que se constitui como o primeiro passo para projectar num determinado lugar. A espessura da linha e do ponto, ou mesmo a cor, são instrumentos de expressão e o seu resultado é apenas uma imagem virtual da realidade e, portanto, uma ficção.

Esta interpretação é o resultado da ideia do lugar e é, ao mesmo tempo, a imagem de uma visão do que se pretende que esse mesmo lugar seja. É a resposta às constantes questões que o acto de desenhar levanta. Desta forma, apresenta-se neste trabalho a hipótese do estudo do tempo, no seu sentido lato, como crucial para a compreensão e intervenção no território.

PARTE I

Construção de um olhar específico



Erosão do cordão dunar pondo em evidência as camadas de sedimentos da sua formação.

1. Caracterização do Território das Masseuras

Factores físicos

O “Território das Masseuras” localiza-se a Noroeste de Portugal, entre as regiões do Minho e do Douro Litoral de Portugal. Abrangendo a região Litoral do Norte de Portugal, uma faixa de 6 kms reparte-se pelos concelhos de Póvoa de Varzim e Esposende, e mais concretamente nas freguesias da Estela e da Apúlia. Aqui, reconhece-se num primeiro olhar, uma paisagem rural associada à prática agrícola e piscatória.

O território em estudo é constituído por um solo do tipo arenoso⁶, característica comum em áreas adjacentes ao mar e que representa a sua formação geológica. É composto por: granitos an-te-hercínicos alcalinos (Granito do Porto) em forma de grandes blocos, depósitos PlioPlistocénicos originários de praias antigas e depósitos modernos provenientes da acumulação de areias, lodos fluviais e depósitos argilosos ao longo dos ribeiros⁷.

Geomorfologicamente apresenta extensas praias resultantes da abrasão marinha e um longo cordão dunar paralelo à linha da costa formado pela intensa acção do vento⁸. Sendo estes dois elementos fundamentais para a definição do seu relevo. Contudo, o interior deste território apresenta-se muito aplanado.

Estas características topográficas e a grande permeabilidade do solo arenoso criam condicionantes para a existência de uma hidrografia específica. Esta apresenta-se caracterizada pela ausência de rios, comportando apenas alguns ribeiros⁹ que conduzem a água directamente ao mar. A elevada permeabilidade origina também uma “toalha líquida”¹⁰ subterrânea retida em depósitos aluviâres não consolidados de areia. Esta é mantida não só pela infiltração de águas pluviais mas também pela influência do subleito do rio Cávado¹¹.

⁶ BORGES, António B. – *Monografia de Aguçadoura*. Porto: Orgal, 1990, pag. 65.

⁷ Plano de Urbanização de Aguçadoura - Volume I – Caracterização e Diagnóstico (V3), pag. 77.

⁸ IDEM

⁹ IDEM

¹⁰ BORGES, António B. – *Monografia de Aguçadoura*. Porto: Orgal, 1990, pag. 66.

¹¹ IDEM

A posição geográfica deste território insere-o, climatericamente, na Província Atlântica do Norte¹², caracterizada por apresentar condições de temperatura moderada e muita humidade. Existem pequenas oscilações de temperatura, sendo o pino do verão fresco (em média 20° em Agosto) e o inverno suave (em média mais de 8° em Janeiro) mas com um elevado valor de pressão atmosférica ao longo de todo o ano. Verificam-se chuvas regulares mais abundantes no Outono e no Inverno, chegando a ser superior a 1000mm, existindo apenas dois meses secos (menos de 30 mm). O Verão é uma época mais propensa à existência de nortadas, caracterizadas por ventos intensos de norte ou noroeste. A ocorrência de nevoeiros e trovoadas são, também, frequentes ao longo do ano¹³.

Tendo em conta a distribuição das formações vegetais de Portugal continental a área em estudo insere-se na Carvalho da Zona Temperada Húmida, caracterizada por conter as seguintes espécies arbóreas: Carvalho roble (*Quercus robur*), Carvalho negral (*Quercus pyrenaica*), Sobreiro (*Quercus suber*), Azereiro (*Prunus lusitana*), Catapereiro (*Pirus communis*), Bordo (*Acer pseudoplatanus*), Medronheiro (*Arbutus unedo*), Aderno (*Phillyrea latifolia*); e principais espécies arbustivas: Aveleira (*Corylus avellana*), Abrunheiro bravo (*Prunus spinosa*), Pilriteiro (*Crataegus monogyna*), Giesteira (*Cytisus striatus*), Giesteira das vassouras (*Cytisus scoparius*), Amieiro negro (*Rhamnus frangula*), Folhado (*Viburnum tinus*), Teixo (*Taxus baccata*) e Roseira (*Rosa canina*) (Cabral e Telles) Azevinho (*Ilex aquifolium*) e o Pinheiro manso (*Pinus pinea*)¹⁴. Contudo, a identificação destas espécies torna-se difícil em muitos casos dado o impacto da ocupação humana e a exploração dos recursos físicos que tem levado a uma intensa degradação das formações vegetais endógenas.

Factores humanos

As condicionantes naturais deste território, nomeadamente o relevo, a hidrografia e o clima, contribuíram para a fixação do ser humano no local segundo a forma de povoamento disperso¹⁵, isto é, pequenos grupos de povoamento mas relativamente próximos uns dos outros. Tal facto

¹² Plano de Urbanização de Aguçadoura - Volume I – Caracterização e Diagnóstico (V3), pag. 85.

¹³ IDEM

¹⁴ IDEM

¹⁵ BORGES, António B. – *Monografia de Aguçadoura*. Porto: Orgal, 1990, pag. 84.



Campo em masseira ainda activo preservando as suas características originais.

ocorre nas povoações onde existe um fácil acesso à água, seja através da existência de água à superfície ou por meio de poços, criando condições para estabelecer uma grande ligação à exploração agrícola.

Ainda que os solos arenosos não sejam naturalmente férteis, o engenho humano permitiu a criação de sistemas que tornassem este lugar apto para a prática de agricultura intensiva e policultura. Assim, o crescente interesse sobre estes terrenos e o sucessivo aumento populacional conduziu a uma elevada divisão das propriedades, resultando, por isso, numa região de minifúndio¹⁶.

O grande sucesso deste território para a agricultura deveu-se principalmente à invenção de um sistema agrícola com campos em “maseira”. Este nome surge devido à sua forma rectangular com os lados inclinados, visto que se assemelhava a um tabuleiro de amassar o pão.

Estes campos resultavam da escavação das areias até que o nível do solo atingisse um nível próximo do freático, para que as plantações estivessem em contacto constante com a água e assim não necessitassem de rega artificial. As areias retiradas eram colocadas nos lados da parcela e normalmente apenas no lado Norte e Oeste, formando os chamados valados. De forma a dotar este sistema de uma certa adaptabilidade aos fenómenos atmosféricos, plantaram-se sobre os valados espécies vegetais como caniços e outras espécies arbustivas, tornando-as excelentes barreiras aos ventos fortes (estes provenientes de Norte ou Noroeste, as designadas Nortadas). Já para combater as inundações dos campos no Inverno, com o aumento do nível freático, foram criadas linhas de drenagem para escoar a água em excesso.

Apesar da relevância da prática agrícola na actualidade, existem outras actividades que são igualmente importantes no contexto económico local.

Partindo dos dados, referentes ao ano de 2001, apresentados no estudo desenvolvido no âmbito da 1ª fase da elaboração do Plano de Urbanização de Aguçadoura pode verificar-se que 32% da população está afectada às actividades agrícolas, pecuárias e de pesca, 37% às actividades industriais e 31% às actividades comerciais e de serviços. Este estudo ainda refere que mais de metade da população activa (52,2%) e onde se verifica uma taxa de jovens (20,6%, indivíduos até aos 14 anos) é superior à taxa de idosos (10,8%, indivíduos com mais de 65 anos)¹⁷.

¹⁶ BORGES, António B. – *Monografia de Aguçadoura*. Porto: Orgal, 1990, pag. 84.

¹⁷ Plano de Urbanização de Aguçadoura - Volume I – Caracterização e Diagnóstico (V3), pag. 26.



Nos locais mais expostos ao vento a fixação de vegetação é mais difícil.



Em algumas áreas ainda se verifica a existência de pinhais.

2. As expressões do tempo na construção do território

“El espacio se percibe en el tiempo y el tiempo es la forma de la experiencia espacial.”¹⁸

Como já foi referido, pretende elaborar-se uma análise de um território específico partindo da complexidade que o conceito de tempo pode apresentar. Assim foram encontradas varias expressões que este conceito pode adquirir e a partir destas desenvolver a análise. Pretende-se, acima de tudo, mostrar que o Território das Maseiras é um espaço dinâmico com especificidades próprias.

Existe a tendência de pensar o espaço como uma formação segmentada e linear, fruto de uma visão histórica. Contudo, este deve pensar-se como uma construção sobre algo que o precede, com vários processos que decorrem em simultâneo e a ritmos distintos. Numa visão linear é possível descrever **cronológicamente** alguns dos principais processos. Partindo da informação existente no livro *Monografia Aguçadoura* de Júlio Borges construiu-se uma leitura cronológica do território estudo.

Existem relatos que indicam que o problema dos ventos que arrastavam as areias sobre o campos prolongou-se ao longo dos séculos. O primeiro encontrado remonta o ano de **1358** onde é enunciada a invasão das areias que causava a preocupação da população local. Este problema foi-se arrastando e em **1685** descreve-se a abertura de um *regueirão* de forma a impedir que as areias ocupassem as melhores terras da freguesia da Apúlia. Nesta altura os pescadores fugiram para Rates deixando o local do Rio Alto deserto onde as areias mal consentiam vida vegetal.

Apenas nos inícios do século XIX, mais concretamente em **1801**, os frades de S. Bento encontraram uma solução capaz de conter o avanço das areias com a plantação de pinheiros.

¹⁸ SOLÁ-MORALES, Ignasi de – *Territorios*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2002, pag.128.



As estufas foram-se proliferando por todo o território.



Campo de golfe implantado no cordão dunar.

Estes começaram a ser plantados na zona mais a norte, na Apúlia e meio século depois esta solução prolongou-se a sul, para a zona da Aguçadoura.

Com as areias estabilizadas a população começou a criar pequenos quintais junto das suas casas. Escavavam o terreno colocando a areia dos lados de forma a protegê-los do vento e construíam poços para a rega. Ao perfura-los perceberam que a água estava a uma pequena profundidade. Então, em **1880**, alguns lavradores começaram a fazer escavações mais profundas criando-se assim as primeiras masseiras. A proximidade dos campos do nível freático médio levou a que na época das chuvas fossem frequentes as inundações, tornando necessária a criação de *sangradouros*, valas que permitem escoar a água em excesso.

Estes campos começaram a generalizar-se e em **1915** começaram a fazer a *descoberta* em áreas mais extensas, derrubando os pinheiros existentes e dividindo-as em parcelas a fim de serem vendidas. Esta formação espacial proliferou naquela área ao longo da primeira metade do sec XX.

A partir de 1969 há um aumento do interesse na areia para a construção civil, desta forma os campos em masseira tornam-se cada vez maiores e os valados menores. Até que em **1978** dá-se uma forte valorização da areia fina fazendo com que muitos dos proprietários vendam as areias dos valados existentes.

A década de setenta também ficará marcada pelo desenvolvimento do turismo. Em **1970**, é vendido um terreno pertencente à junta de freguesia da Aguçadoura para a construção de uma estalagem pela sociedade Sopete. Mais tarde, em **1982**, esta mesma sociedade acaba por ver aprovado um projecto para a construção de um parque de campismo e um campo de golfe no cordão dunar do Rio Alto. Paralelamente o turismo balnear ia alterando a fisionomia da paisagem pelos diferentes usos, fluxos e actividades que ia gerando sazonalmente.

O aparecimento das estufas neste território surgiu em **1985**, após um curso de horticultura realizado na freguesia. A partir de 1986 e já durante o período transitório de adesão à Comunidade Económica Europeia aumentaram significativamente os incentivos ao desenvolvimento da actividade agrícola e conseqüentemente à adopção das estufas em grande parte do território. O apelo de uma agricultura rentável e competitiva a par da tentativa de resolver o problema dos fenómenos atmosféricos foram causas centrais destas novas práticas de uso do solo.



Parcela agrícola onde se percebem vários ciclos de plantação.



Na época do verão a paisagem é marcada pela existência de um intenso turismo balnear.



Nos locais abandonados pelo ser humano a vegetação apresenta-se de uma forma mais dispersa.

A **meteorologia** é uma expressão temporal que representa os “estados do tempo”, ou seja, as condições atmosféricas que tanto interferem na forma e nas práticas económicas do território em estudo. Na agricultura as nortadas são um problema, visto que os fortes ventos se não forem controlados arrastam areias que destroem as culturas agrícolas. As chuvas intensas inundam os campos se estes não tiverem um sistema eficaz de drenagem, e as geadas provocam um forte arrefecimento prejudicando algumas culturas agrícolas. A humidade alta pode ser benéfica para algumas culturas mas em excesso pode prejudicar as sementeiras.

As condicionantes meteorológicas acompanham paralelamente o fenómeno de **sazonalidade** relacionado com os ciclos produtivos na agricultura e também com o fenómeno recente das férias. Desta forma chamamos “*movimentos sazonais a certas variações regulares do ritmo das actividades económicas*”¹⁹. Esta é uma realidade que se verifica com uma forte intensidade no território em estudo. A agricultura apresenta ciclos anuais constantes dependendo da época do ano e das culturas produzidas. Também existem ritmos que actuam paralelamente como, por exemplo, a apanha do sargaço e a venda dos produtos.

Na altura do verão, devido ao intenso turismo balnear que se verifica na região os produtores aproveitam para venderem os seu produtos junto à estrada nacional de forma a conseguir um maior escoamento.

A sazonalidade revela-se também na fauna e na flora. A vegetação vai alterando a paisagem ao longo dos anos, repetidamente, com os seus padrões e cores. A migração de aves e o aparecimento de outros animais em determinadas épocas do ano também são sazonais. Neste sentido, a paisagem é uma composição rica e dinâmica em que todos estes processos cíclicos se complementam.

Também se pode perceber o efeito do tempo sobre os elementos da paisagem, ou seja, o nível de **entropia** de uma determinada paisagem. Ignasi de Solà-Morales, apresenta espaços que comportam estas características chamando-os *terrain vague*²⁰. Descreve-os como espaços vazios e abandonados em que os acontecimentos foram deixando as suas marcas mas que ao mesmo tempo tornam-se imprecisos.

¹⁹ LACOSTE, Yves – *Dicionário de Geografia - Da geopolítica às paisagens*. Lisboa: Teorema:2003, pag. 352.

²⁰ SOLÀ-MORALES, Ignasi de – *Territorios*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2002, pag. 181.



Representação do movimento de um veículo ao longo das estradas agrícolas.



Organização ritmada das plantações agrícolas procurando um melhor aproveitamento do solo.



Regularidade na implantação dos edifícios de apoio aos campos agrícolas existentes ao longo da Rua das Masseiras.

Por todo o território em estudo, principalmente nas proximidades da foz do Rio Alto, encontram-se espaços nos quais a entropia é perceptível. Espaços inicialmente transformados pelo ser humano para se tornarem mais produtivos, que foram abandonados e passaram a estar sujeitos ao passar do tempo. Isto nota-se pelo seu efeito sobre os elementos da paisagem, tanto provocado por processos físicos como por processos biológicos. As marcas deixadas pelo ser humano continuam, os valados, as linhas de água, os muros são ainda perceptíveis, apesar da dispersão e homogeneização da vegetação e a erosão dos materiais.

No território em estudo é fundamental observar a importância do **movimento** em alguns dos elementos da paisagem para a sua melhor caracterização. Assim, tanto o vento como a água são importantes para caracterizar algumas dinâmicas existentes e compreender a formação de toda esta paisagem. Devido à intensidade do vento que se faz sentir nesta zona foram encontradas, ao longo dos tempos, estratégias para controlar o seu efeito sobre as areias e as plantações. Contudo, este também era aproveitado como fonte de energia dos moinhos existentes. Da mesma forma, a água era utilizada nas azenhas, aproveitando as correntes vindas da complexa rede de drenagem dos campos agrícolas.

Para além destes, existem outros elementos relevantes como as viagens de curto e longo curso, o movimento quotidiano ou pontual de pessoas ou animais. A caracterização do movimento, está directamente relacionada com a velocidade, aspecto que condiciona a forma como percebemos a paisagem. O caminhar, o andar de bicicleta ou de carro influencia a forma como percebemos a paisagem, até no acto de rodar a cabeça para observar está implícito um determinado movimento.

A paisagem encontra-se profundamente humanizada, isto nota-se na forma como o ser humano apropriou e organizou o espaço reflectindo a cultura local e os **ritmos** dos seus elementos físicos. Encontra-se pois uma estrutura parcelar muito forte na qual vão apresentando ritmos bastante definidos. Este ritmos aparecem de diversas formas, ora pelo edificado que aparece associado aos campos agrícolas, ora pela vegetação a proteger os campos do vento, ora pelos valados. Até as plantações dos campos agrícolas apresentam padrões cromáticos com formas relativamente regulares, vários ritmos e sequências.



Escala: 1/20000
Território das Masseiras

3. Representação e análise do território

Como se pode observar na figura ao lado, o território em estudo localiza-se mais concretamente nas freguesias da Estela e Apúlia, tendo como **limites** principais a Estrada Nacional nº13, o mar e os núcleos urbanos correspondentes às freguesias circundantes (a Norte a Apúlia, a Nascente a Estela, e a Sul a Aguçadoura). Este é formado por uma manta de campos agrícolas que assentam em dunas secundárias. Os campos agrícolas estão separados do oceano por um longo cordão dunar que se estende entre a freguesia da Aguçadoura e a foz do Rio Alto.

O cordão dunar forma uma barreira física que condiciona o contacto com o mar. Isto deve-se não só à sua **topografia** mas também ao facto de aí estarem implantados vários equipamentos; um parque de campismo, um campo de golfe e um campo de futebol. Só muito pontualmente é que o cordão dunar pode ser ultrapassado, a norte junto à foz do Rio Alto, num ponto médio da duna referente a uns antigos abrigos dos pescadores e a sul depois do campo de futebol. A topografia também destaca um ponto de cota mais elevada, no limite poente do parque de campismo. Encontra-se numa zona relativamente central e onde confluem e cruzam diversas estruturas, tornando-se por si só numa barreira no interior do território. Deste modo, este local torna-se um ponto de referência do território em estudo.

O território apresenta uma malha **parcelar** densa e complexa que se desenvolve no lado interior do cordão dunar até à estrada nacional. Os campos agrícolas são o principal factor para a sua existência. Esta é provocada pelos vários processos de evolução cadastral resultantes das diferentes necessidades a nível do uso dos solos ao longo da história. Assim, apresenta uma malha onde se conseguem perceber vários ritmos e geometrias que representam as várias fases da construção deste território. Estes ritmos são percebidos à medida que percorremos o território, visto que se encontram gravados na topografia existente. Ao longo de todo o território aparecem os valados que dão forma às masseiras pondo em evidência esta malha parcelar existente. Contudo, eles estão num processo de constante destruição, sendo que muitos destes já desapareceram devido ao interesse que se verificou nas areias finas que os constituem e à necessidade de aumentar a área das parcelas disponível para a agricultura.

O **edificado** é pouco denso característico de um povoamento do tipo disperso. As áreas urbanas correspondentes à Apúlia e à Aguçadoura apresentam espaços edificados mais consolidados, compostos, em grande parte, por habitações para os proprietários alguns deles trabalhadores dos campos agrícolas, e para indivíduos que aí têm a sua habitação secundária, devido à sua proximidade ao mar e às extensas praias. O edificado do lado Este do território, referente à freguesia da Estela é menos consolidado. Ao longo da estrada nacional, o edificado encontra-se relacionado com o comércio e serviços (hotéis, restaurantes, postos de abastecimento, etc.), o lado interior é composto por edifícios habitacionais. Já na área agrícola, o edificado é pontual, composto por anexos de apoio às parcelas agrícolas.

Existe também uma limitada articulação entre a Apúlia e a Estela. Isto deve-se fundamentalmente ao facto de pertencerem a distritos distintos e não ter havido uma melhor articulação dos planos regionais e municipais. Isto é bastante evidente ao nível da estruturação **viária**. A estrada nacional é o principal elemento de articulação viária entre estas duas localidades. Desenvolve-se paralelamente ao mar, tornando-se no eixo que liga as localidades ao longo da costa e a partir do qual é feito o acesso ao território. Além desta apenas existem alguns caminhos agrícolas que conseguem fazer esta ligação, não estando preparados para o trânsito automóvel.

O principal acesso ao território em estudo faz-se por uma via que parte da estrada nacional e conduz aos equipamentos existentes no cordão dunar. O eixo de acesso Este-Oeste, no centro do

território, que permite a ligação mais directa ao local de entrada do campo de golfe, mas a relação deste com a estrada nacional é mais confusa que o anterior.

Existe um outro acesso por uma via recentemente pavimentada, designada Rua das Masseiras, mas que não permite um acesso tão directo e rápido. Trata-se de uma via mais estreita que apresenta um pavimento em cubo de granito, fazendo com que se torne numa via mais lenta. Desenvolve-se paralelamente ao Rio Alto prolongando-se ao longo do território até atingir a zona da foz. Estas são as principais vias que estruturam o território, contudo, este é bastante marcado por uma densa e labiríntica rede de caminhos que dão acesso aos múltiplos campos agrícolas.

A **hidrografia** no território em análise é um sistema extenso e complexo, tendo como elemento estruturante o ribeiro Rio Alto que atravessa transversalmente todo o território, nasce em Laundos e desagua na Praia do Rio Seco na freguesia da Apúlia.

O Rio Alto é a estrutura que suporta toda uma trama de cursos de água, que ligam as parcelas. As referências ao sistema vascular do corpo humano são possíveis, as parcelas agrícolas seriam as células, as linhas de drenagem, os chamados sangradouros, as veias e capilares, e o Rio Alto uma artéria. Um sistema liga uma diversidade de espaços e ambientes com funções distintas, como se tratassem de órgãos de um corpo/território.



Hidrografia
Escala: 1/20000



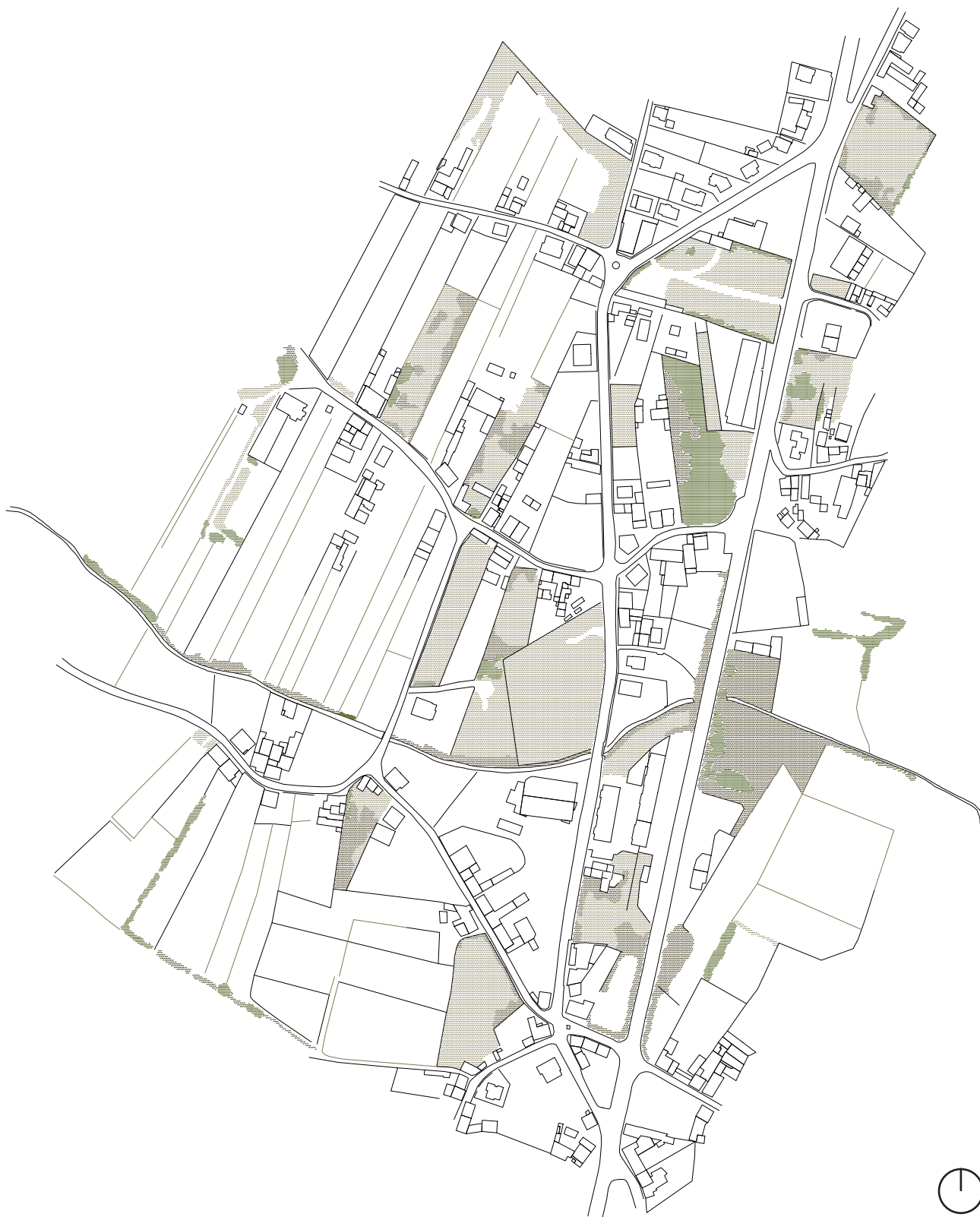
Edificado
Escala: 1/20000



Hierarquia viária
Escala: 1/20000



Parcelamento, valados e cordão dunar
Escala: 1/20000



Planta do acesso ao Território das Masseiras,
Escala: 1/5000

4. Representar lugares específicos do território



Transição



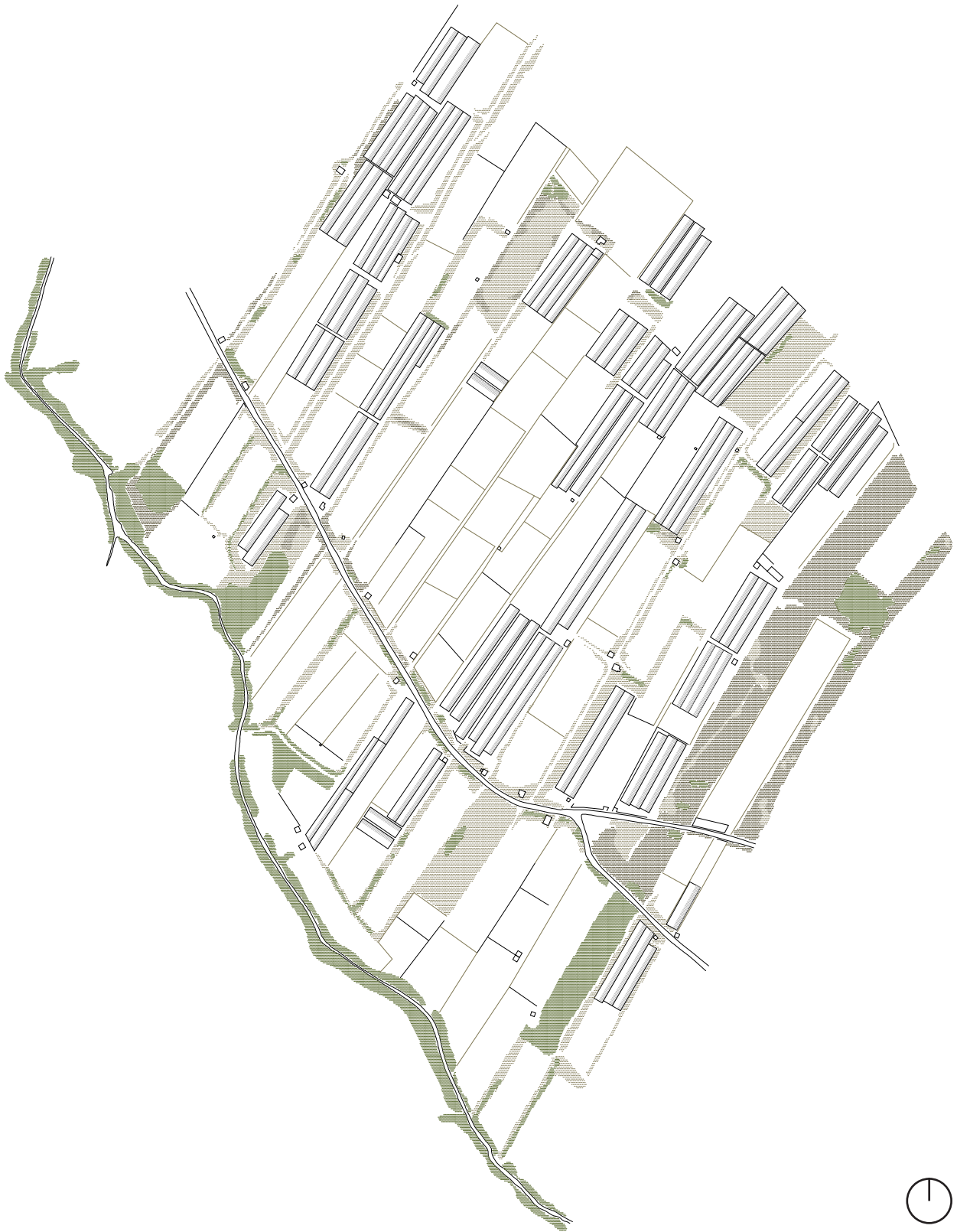
A estrutura viária reflete um traçado confuso num dos pontos de acesso ao Território das Masseiras.

O desenho representa a transição entre a estrada nacional e os campos agrícolas. A primeira é uma via com forte tráfego e uma maior velocidade na circulação dos veículos, contrastando com a tranquilidade dos campos agrícolas. É nesta zona que existe o acesso ao território em estudo.

O actual traçado da estrada nacional decorre de uma rectificação do itinerário original que apresentava um percurso mais sinuoso. O novo traçado provocou alguns conflitos na articulação da malha existente justificando assim a existência de acesso confusos e desqualificados.

Os edifícios habitacionais foram, aos poucos, ocupando as antigas parcelas agrícolas, junto de vias que não estão preparadas para esse fim. A rua é o único espaço público que permite promover a interacção entre os habitantes, nos quais são praticamente inexistentes os passeios que possibilitem a circulação do peão ao longo das vias.

É, também, deste local que o ribeiro Rio Alto entra no território, vindo do monte de Laundos. Aqui, este ainda não adquiriu a dimensão e a expressão sobre o território, tornando-se numa linha quase imperceptível para quem aí passa.



Planta que representa um ritmo na organização das parcelas num dos pontos da Rua das Masseuras
Escala: 1/5000





Interioridade



Parcelas agrícolas localizadas ao longo da Rua das Maseiras

Ao longo da Rua das Maseiras as parcelas agrícolas vão revelando os ritmos que tanto caracterizam o território em estudo. Uma matriz que decorre da estrutura parcelar e que incorpora e organiza todos os elementos que compõem esta paisagem. Assim, aparecem os valados que formam as masseiras, o edificado de apoio aos campos agrícolas, a vegetação e ainda as próprias estufas que têm proliferado na região. Os elementos organizam-se tentando fazer o uso da área das parcelas da forma mais eficiente, acabando por colaborar de forma integrada nesta composição.

Paralelamente a esta via corre o ribeiro Rio Alto que é perceptível a quem a percorre. Apesar da distância a que se encontra, apresenta vegetação alta e densa ao longo do seu curso, tornando-o um elemento presente nesta paisagem. Portanto, é um elemento organizador e de referência ao longo de todo este espaço.



Representação do espaço onde se implantam diversos mecanismos da paisagem
Escala: 1/2000



Mecanismos



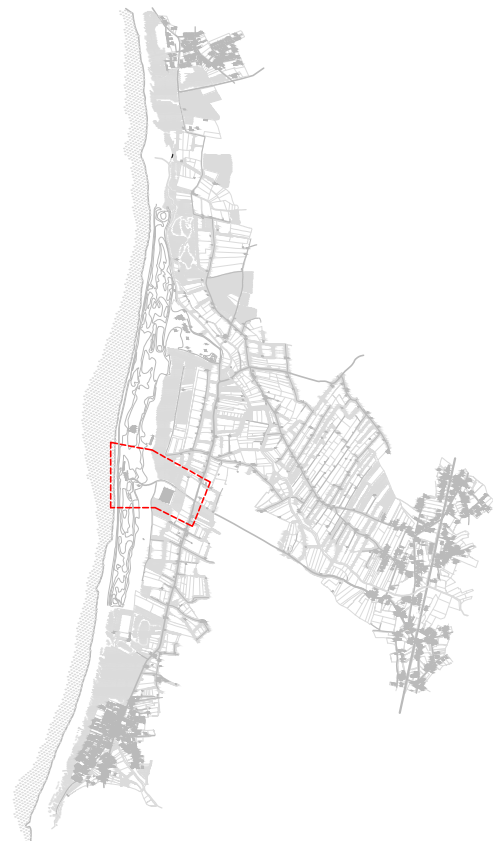
Edifício que incorpora uma azenha no seu interior e um moinho de vento no exterior.

O desenho representa o local onde se situa o ponto de cota mais elevada do território em estudo. Este está localizado no limite do parque de campismo onde se implanta um depósito de água aproveitando essa cota para mais facilmente distribuir a água que contém. Aqui, o ribeiro Rio Alto contorna esta elevação em direcção à foz mantendo-se encostado ao cordão dunar. Neste local aparecem várias linhas de água que aí afluem, entre as quais um desvio de água construído para alimentar uma azenha.

A azenha tem especial importância porque incorpora um moinho de vento. Actualmente esta estrutura já não se encontra activa, tendo sido convertida numa residência secundária.

A linha de água segue paralelamente ao Rio Alto estando apenas separada por uma faixa de campos agrícolas. Este espaço torna-se visualmente fechado, visto que está condicionado pela vegetação existente no Rio Alto e os caniços que protegem os campos a nascente. Esta faixa territorial é quebrada pela existência de algumas linhas de caniços que separam algumas parcelas, o que faz com que se criem vários fragmentos na paisagem. Isto torna-se perceptível para quem percorre o caminho de acesso aos campos agrícolas que acompanha a linha de água da azenha.





Ruptura

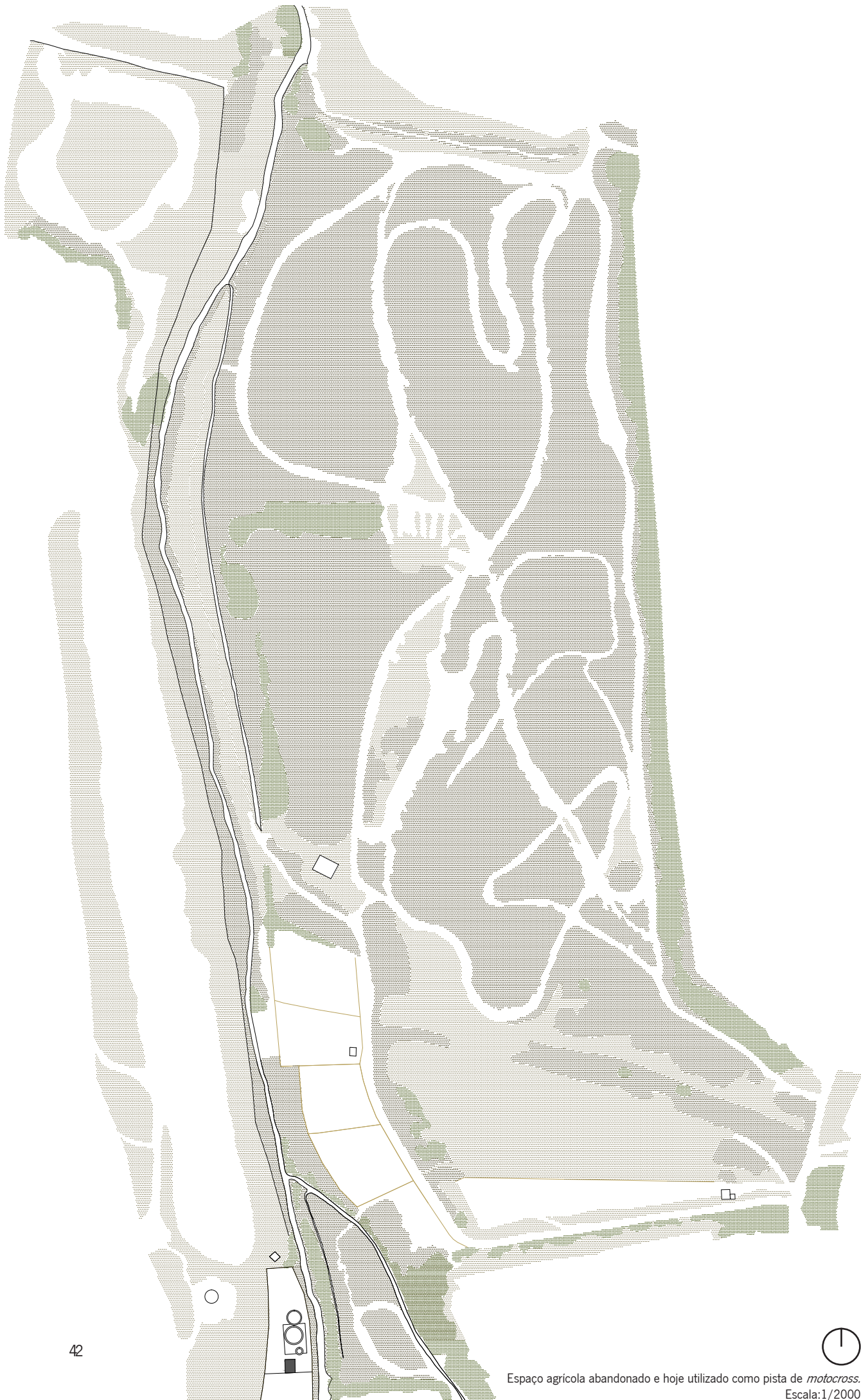


Rua que atravassa que divide o campo de golfe em duas partes.

No território existem espaços que parecem ter ficado esquecidos no tempo e que com o passar dos anos se vão tornando fragmentos.

Existe um acesso à praia por uma via que rompe o cordão dunar onde está implantado o campo de golfe. O espaço junto da praia é marcado pela existência de dois edifícios onde os pescadores guardavam os seus instrumentos de trabalho. Contudo, estes pescadores foram deixando este ofício e, portanto, deixando este local abandonado. Esta situação ainda se agravou com a construção do campo de golfe, que veio estrangular este lugar e torna-lo ainda mais marginal. A via de acesso ainda persiste, sendo que as travessias dentro do campo de golfe são conseguidos pela existência de duas pequenas pontes. Mas esta via ficou relativamente estreita e com vedações e vegetação alta nos seus limites tornando-a numa espécie de corredor.

Recentemente, tem surgido interesse no lugar por algumas pessoas que começaram a utiliza-los como espaços de apoio à época balnear. Isto fez com que se começasse a recuperar alguns dos edifícios. Contudo, a crescente atractividade para banhistas e surfistas tem provocado o acumular de automóveis que aí estacionam e, em certa medida, descaracterizam-no.



Anacronismo



Barracão abandonado em local que antigamente foi utilizado para a agricultura e agora é utilizado como pista de *motocross*.

No território em estudo existem diversos locais que, apesar de terem sido utilizados para a agricultura, foram sendo abandonados e esquecidos. As marcas deixadas por essa actividade ainda persistem, embora o seu uso se tenha alterado, tornando-os lugares anacrónicos. Aqui, o passar do tempo sente-se principalmente pela degradação de algumas estruturas e o descontrolo da vegetação reflectindo um elevado nível de entropia.

São perceptíveis as estruturas pré existentes, contudo, com o passar do tempo foram sendo “controladas” pelas dinâmicas naturais existentes. A vegetação foi-se homogeneizando e ocupando estas estruturas, os materiais das construções foram-se degradando.

A sul aparecem pequenas parcelas agrícolas onde as pessoas produzem para o próprio consumo, mais parecendo pequenos vestígios de uma actividade ancestral. Mais a norte percebe-se na topografia os valados dos antigos campos masseira e nas suas costas um caminho abandonado que se desenvolve entre o ribeiro Rio Alto e uma linha de drenagem, a vegetação é relativamente baixa deixando visível estes relevos, formando uma superfície homogénea.



Confluência



Local onde a água do Rio Alto se infiltra nas areias da praia para desaguar no mar.

O curso do ribeiro Rio Alto desenvolve-se ao longo do lado interior do cordão dunar, até que, já na freguesia da Apúlia, contorna-o e infiltra-se nas areias da praia e desagua no mar. O ribeiro ganha uma maior dimensão tornando-se um elemento expressivo na paisagem. Apesar de existir uma continuidade com a paisagem deste território, aqui densifica-se a mancha de caniços de forma a proteger os terrenos mais interiores, visto tratar-se de uma zona mais exposta às nortadas.

Este local sofreu recentemente uma intervenção com o intuito de recuperar a vegetação das dunas, segurar as suas areias e de consolidar as margens da foz. Foram colocados muros de alvenaria de pedra e painéis de madeira. Introduziram-se alguns passadiços para evitar a erosão provocada pelo atravessamento pedonal.

Junto à foz, o areal apresenta-se com pouca vegetação capaz de fixar as areias. De certa forma, isto é provocado por não existir nenhum percuso que permita o acesso à praia sem a prejudicar. Contudo, nesta zona existe uma maior acumulação de areias que são transportadas pelas águas do próprio ribeiro.

PARTE II

Projectar no tempo

“El paisaje es cambiante en el tiempo y éste es uno de sus atributos más destacables. Los cambios ocurren a velocidades distintas. En este solapamiento de velocidades, los ritmos de los procesos naturales son a menudo interrumpidos por intervenciones humanas.”²¹

²¹ GALÍ-IZARD, T. – *Los mismos paisajes. ideas e interpretaciones. Barcelona: Land&Scape Series*, Editorial Gustavo Gili, 2005, pag.18.

Intervir na paisagem é interferir no seu processo de construção ao longo dos tempos. Esta construção, como já foi enunciado anteriormente, está relacionada com processos que correm a vários níveis. A paisagem é o resultado de toda esta construção, onde todos estes processos interferiram. Todos deixam a sua marca podendo ser mais ou menos perceptíveis. Para além de serem provocados por dinâmicas naturais são, também, pela intervenção do ser humano.

Normalmente existe a ideia de que a paisagem tradicional deve ser mantida, ou seja, tornar-se uma imagem imóvel no tempo, como se tratasse de um postal turístico. Contudo, a paisagem não é só o seu resultado visual, já que esta resultou sempre de transformações relacionadas com questões funcionais para o seu desenvolvimento prático e produtivo. A nova intervenção deve considerar estas questões, e não limitar-se a “*restrições estéticas e estilísticas*”²².

É a partir de uma compreensão das marcas, das dinâmicas e dos processos de um território que se poderá intervir com eficácia. Deve-se compreender as especificidades desse território para descobrir as suas potencialidades e daí encontrar estratégias para o valorizar. Cada território é único, e por isso necessita das suas próprias soluções.

Como vimos na Parte I, o território em estudo apresenta características únicas e profundas que resultam da sua evolução ao longo da história. Neste sentido, intervir nele é acima de tudo preservar e potenciar características fundamentais e criar condições para que se desenvolvam novas dinâmicas ou recuperem outras já existentes. Assim, ao actuar no território estamos a criar uma nova etapa na sua construção.

No território em estudo pretende-se valorizar determinadas dinâmicas existentes, no sentido de uma melhor articulação territorial. Este trabalho tem como objectivo potencializar as especificidades do território, apresentando determinadas estratégias que procurem um efeito maior do que a dimensão do construído. Ignasi de Solà-Morales refere-se este tipo de actuação como um trabalho de *acupuncture*²³. Para além disto, neste projecto, mais do que soluções específicas, pretende-se afirmar uma metodologia de intervenção que se concentra mais na “construção de novas narrativas” do que no desenho total.

²² Steen A. B. Høyer in CORNER, James – *Recovering Landscape. Essays in contemporary landscape architecture*. New York: Princeton Architectural Press, 1999

²³ SOLÀ-MORALES, Ignasi de – *De cosas urbanas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2008



Envelhecimento dos materiais apresentados num edifício de apoio aos campos agrícolas.

Materialidade

“The projects are created according to the place, the surroundings, and the circumstances, especially as these inform and interact with new content and materials. At the same time, I strive for the minimal definition of a formal order in the spatial expression as well as the greatest common denominator in the use of materials . Such economy determinates the content of a work and, in part, deals with the question of making a mark in nature that is of our time.”²⁴

O material tem uma função conceptual importante no dialogo entre o espaço envolvente e o construído. Para além da necessidade estrutural e da importância que tem no conforto, este é um elemento que pode funcionar de forma representativa. Pode ser um elemento simbólico capaz transmitir uma mensagem através das suas características físicas e da forma como o percebemos. Assim, pode ser utilizado como forma de destacar determinados elementos ou de os integrar com a envolvente.

Ainda, deverá ter-se em consideração a economia local no momento da sua escolha, ter em atenção em como este pode ser utilizado de forma a aproveitar dinâmicas territoriais e económicas existentes.

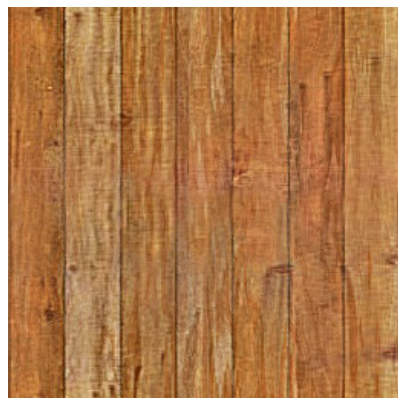
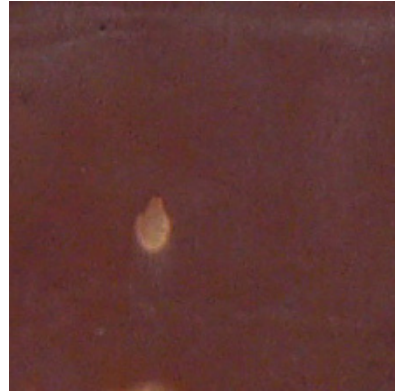
O material também será utilizado para marcar uma nova etapa da paisagem, de forma a representar uma nova “camada” na construção do território. Assim este pode, por si só, transmitir e caracterizar a época da sua construção utilizando novas técnicas e novos materiais e novas tecnologias.

A sua utilização sistemática também permite dotar os projectos de uma unidade formal, fazendo com que os vários elementos do projecto comuniquem entre si.

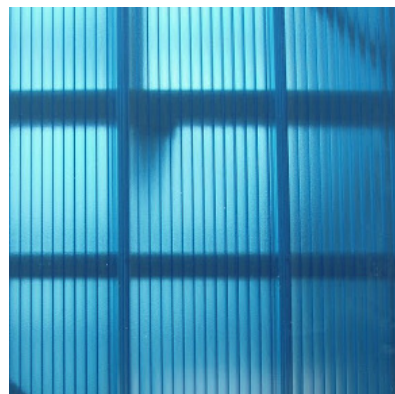
²⁴ Steen A. B. Høyer in CORNER, James – *Recovering Landscape. Essays in contemporary landscape architecture*. New York: Princeton Architectural Press, 1999



Evolução da oxidação do aço corten.



Efeito da exposição aos factores atmosféricos sobre a madeira de pinho.



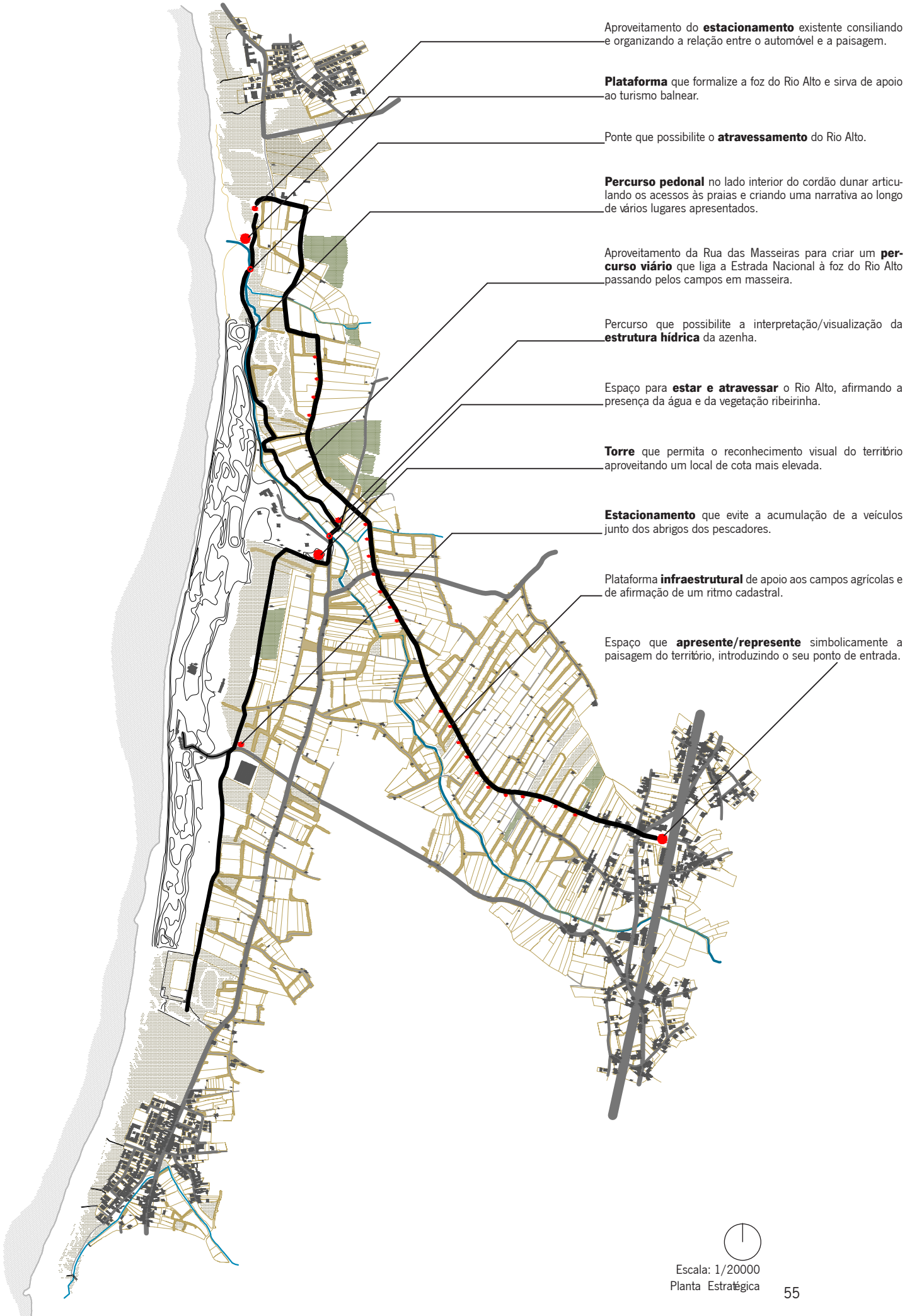
Efeito da luz sobre o policarbonato alveolar translúcido.

O **Aço Corten** pretende representar simbolicamente o passar do tempo, o que está envelhecido, ou seja, um elevado nível de entropia. Este material apresenta uma textura que resulta da sua corrosão que o protege numa aparente estabilidade.

Além disso, a cor resultante desta corrosão possibilita que este se destaque na envolvente, permitindo ser utilizado também como forma de criar referências visuais, pondo em destaque determinados elementos importantes na paisagem.

Os pinhais existentes no local fazem parte da composição desta paisagem desde há muitos anos, e desta forma já pertencem à memória colectiva do lugar. Neste sentido o **Pinho** será utilizado de forma a representar esta memória tornando-se o material base na construção das estruturas propostas. As suas prestações estruturais também permitem a sua fácil aplicação e uma grande plasticidade na criação de estruturas. A cor e textura que apresenta também permite integrar-se na imagem da paisagem.

O **Policarbonato Alveolar** é um produto que deriva de um polímero especial que possibilita a sua utilização na construção de fachadas e coberturas. Este permite a criação de superfícies homogêneas sem que para isso seja necessário um grande apoio estrutural. Este também pode ser translúcido, tornando-se permeável à luz (entrada de luz durante o dia e tornar-se fonte de luz durante a noite). Pretende-se utilizar estas características de forma a representar simbolicamente as estufas que se foram dispersando nos últimos anos ao longo de todo o território.



Aproveitamento do **estacionamento** existente consiliando e organizando a relação entre o automóvel e a paisagem.

Plataforma que formalize a foz do Rio Alto e sirva de apoio ao turismo balnear.

Ponte que possibilite o **atravessamento** do Rio Alto.

Percurso pedonal no lado interior do cordão dunar articulando os acessos às praias e criando uma narrativa ao longo de vários lugares apresentados.

Aproveitamento da Rua das Masseiras para criar um **percurso viário** que liga a Estrada Nacional à foz do Rio Alto passando pelos campos em masseira.

Percurso que possibilite a interpretação/visualização da **estrutura hídrica** da azenha.

Espaço para **estar e atravessar** o Rio Alto, afirmando a presença da água e da vegetação ribeirinha.

Torre que permita o reconhecimento visual do território aproveitando um local de cota mais elevada.

Estacionamento que evite a acumulação de a veículos junto dos abrigos dos pescadores.

Plataforma **infraestrutural** de apoio aos campos agrícolas e de afirmação de um ritmo cadastral.

Espaço que **apresente/represente** simbolicamente a paisagem do território, introduzindo o seu ponto de entrada.



Escala: 1/20000
Planta Estratégica

“Hemos escogido el recorrido como una forma de expresión que subraya un lugar trazando una línea. El hecho de atravesar, instrumento de conocimiento fenomenológico y de interpretación simbólica del territorio, es una forma de lectura psicogeográfica del territorio comparable al *walkabout* de los aborígenes australianos.”²⁵

²⁵ CARERI, Francesco – Walkscapes – *El andar como práctica estética. Barcelona: Land&Scape Series*, Editorial Gustavo Gili, 2002, pag.11.

1. Percursos

Um percurso é uma estrutura que permite a mobilidade dos indivíduos entre determinados espaços estratégicos num território. Representa assim uma necessidade funcional. Além disso é um meio de interacção com o próprio território. Cria condições para que as pessoas através dos seus órgãos sensoriais, entrem em contacto directo com a paisagem enquanto a percorrem. É também uma forma de conduzir as pessoas pelos espaços que de outra forma seriam desconhecidos. Portanto pode ser considerado uma forma de criar novas narrativas de interpretação e interacção com paisagem.

Ao criarmos um percurso estamos a introduzir um novo elemento paisagístico que também vai participar da paisagem onde se insere. Este irá provocar novas interrelações com toda a composição paisagística envolvente. Estamos a criar novas dinâmicas e novos espaços de estar e andar, portanto, estamos a criar lugares.

Os percursos são o meio de contemplação da paisagem e, ao mesmo tempo, elementos a ser observados. Ao introduzir novas dinâmicas, estamos a contribuir para que estas se insiram na composição destes espaços. O movimentos dos passeantes é por si só um ingrediente dessa composição. Ao integrar estes elementos estamos, também, a criar referências, que irão contribuir na forma de compreendermos um determinado território.

Neste sentido, no projecto estão incorporados dois percursos, onde cada um terá características próprias que respondem a oportunidades encontradas neste território. Estes também pretendem representar uma nova marca, que reflita uma nova etapa na construção deste território. Para isso foram utilizados elementos formais que transmitam uma ideia de unidade material ao longo destes.



Percurso Viário
Escala: 1/20000

Percurso Viário

Aproveitando a Rua das Masseiras, pretende-se definir um percurso de compreensão do território que ao mesmo tempo estabeleça a ligação da estrada nacional com a foz do Rio Alto, percorrendo todo o território das masseiras.

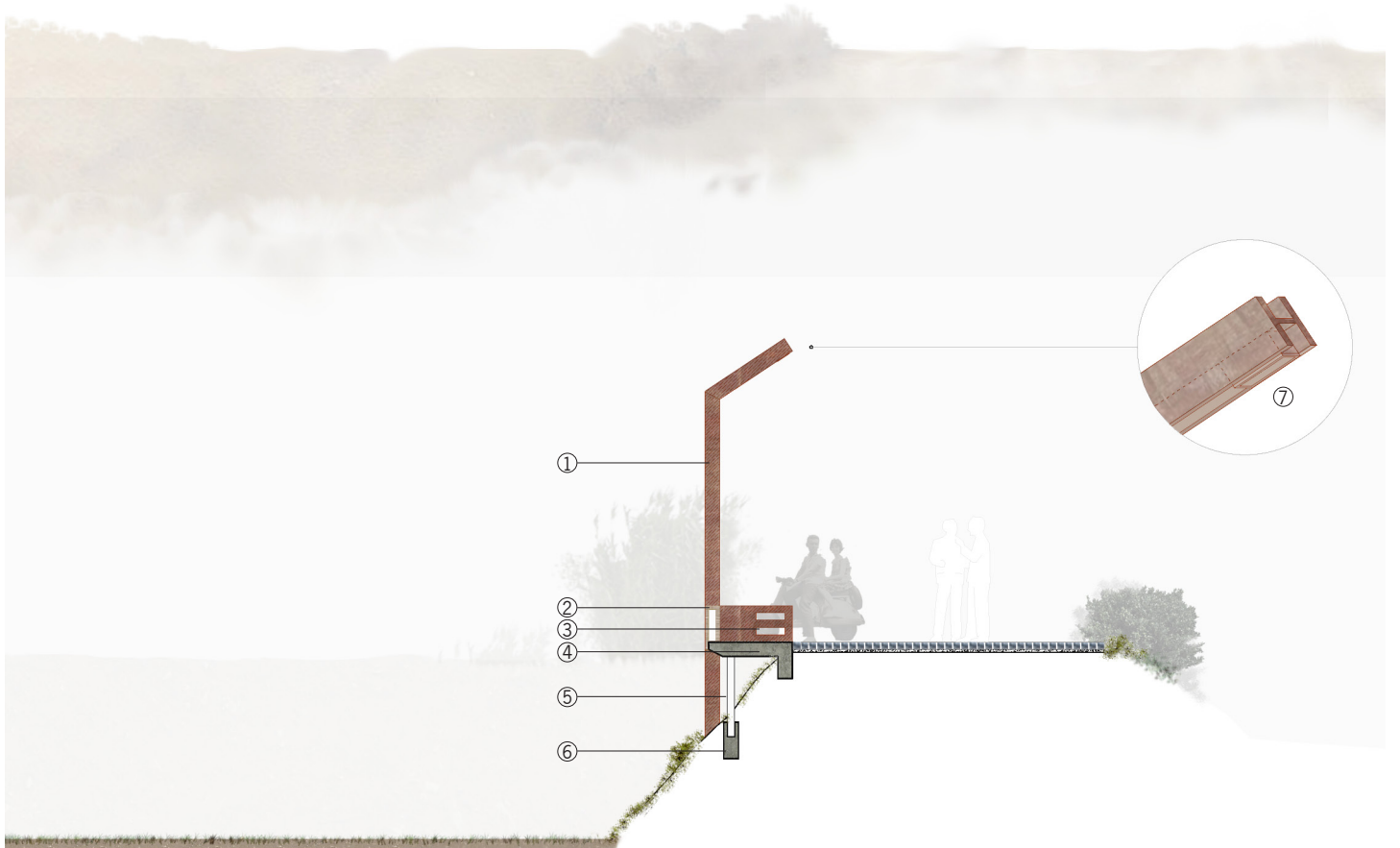
Este percurso tem características que condicionam a velocidade dos veículos motorizados tornando-se ideal para quem quer conhecer o território a partir de um veículo. Este percurso também aproveita o facto da rua das masseira conter os exemplos mais representativos das antigas masseiras. Ao longo deste também percebe-se as marcas de várias fases da construção deste território.



Rua com algumas residências na zona mais próxima da Estrada Nacional.



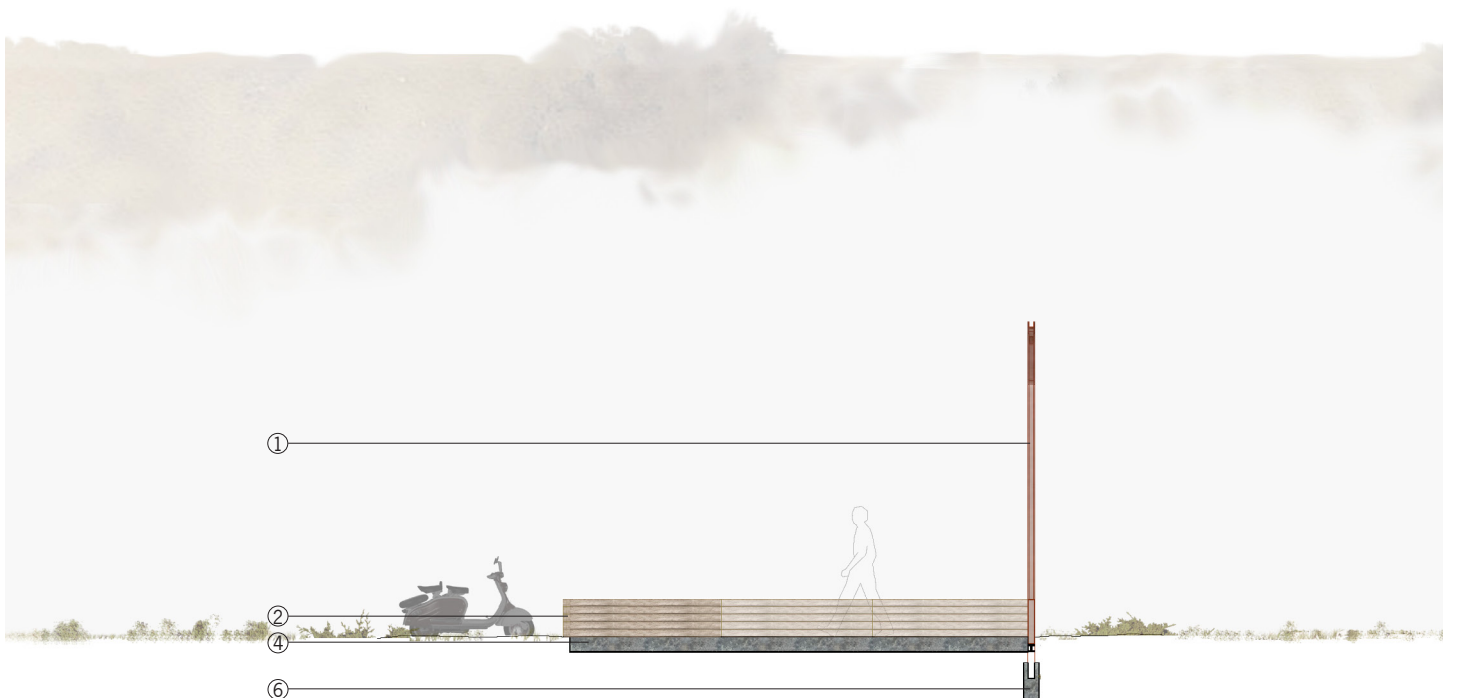
Rua das Masseiras que atravessa as parcelas agrícolas e as *masseiras* mais representativas do território.



A plataforma infraestrutural incorpora um elemento vertical que permite marcar visualmente um ritmo, permitindo ainda a iluminação nocturna.

Corte
Escala: 1/100

- ① Perfil "H" em aço corten
- ② Paineis em madeira
- ③ Caixa para instrumentos infraestruturais
- ④ Betão armado
- ⑤ Perfil metálico
- ⑥ Fundação pontual em betão
- ⑦ Armadura de iluminação pública



Plataforma infraestrutural
Alçado Nascente
Escala: 1/100

Plataforma Infra-estrutural



Ao longo da Rua das Masseiras a paisagem é caracterizada por diversos ritmos que resultam da organização parcelar que organiza os elementos paisagísticos do território.

Neste sentido, a estrutura proposta pretende, através da sua forma, pôr estes ritmos em destaque. Esta apresenta um elemento vertical, em aço corten, capaz de marcar de forma expressiva a paisagem. Contudo, a definição deste ritmo só é possível através da sua repetição. E assim, estando colocada, de forma sistemática, em alguns locais onde se torne importante destaca-lo. Este também tem a função de iluminação, permitindo iluminar e por dar ênfase a este ritmo.

Paralelamente a esta função paisagística demonstrada, esta plataforma também incorpora outras funções de auxílio às actividades aqui realizadas. Assim, permite o estacionamento de motas ou bicicletas, veículos muito utilizados pelos lavradores. Também serve de plataforma de apoio à carga e descarga de produtos agrícolas. E ainda, tem uma caixa onde podem ser colocados os contadores de água e luz ou outros instrumentos semelhantes. O espaço que esta contém permite, também, que os passeantes a utilizem como ponto para parar ou observar o território.



Percurso Pedonal

Surge da articulação de vários fragmentos de caminhos agrícolas existentes neste território. Este relaciona os três acessos à praia existentes, alongando-se no lado interior do cordão dunar e passando pelos três equipamentos aí existentes. Pretende ser um percurso mais lento, que possibilite uma maior proximidade e interação com os múltiplos cenários que compõem a paisagem deste território. Neste sentido, é um percurso mais sensorial, fazendo os seus passeantes perceberem os vários fragmentos de paisagem que resultaram da sua construção. Este surge da necessidade de criar um elemento que conduza os passeantes, e ao mesmo tempo, marcar a sua existência na paisagem através do seu ritmo.

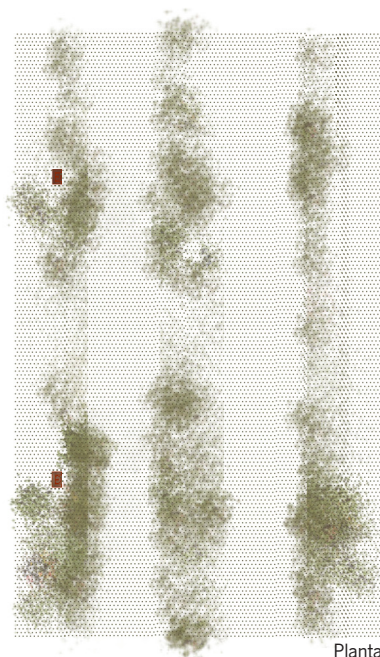
Ao longo deste percurso são colocados perfis verticais em aço corten, de dois em dois metros criando uma retícula uniforme. Assim, consegue-se que estes se destaquem na envolvente permitindo o jogo com a sua percepção a diferentes distâncias. Estes também prevêem a possível aplicação de um ponto de iluminação nos locais em que isto seja considerado necessário.

Devido à multiplicidades de cenários existentes ao longo do percurso pedonal foram considerados três tipos de formalização possíveis. O primeiro tipo de percurso corresponde aos percursos já existentes. Aqui mantêm-se as características existentes apenas adicionando os elementos verticais atrás descritos. O segundo tipo de percurso é um passadiço em madeira que se desenvolve próximo do chão com o intuito de criar uma relação mais forte com a envolvente. Este também apresenta um maior afastamento dos barrotes de madeira que formam o pavimento para reforçar a integração com a vegetação existente. O terceiro tipo também é um passadiço em madeira, mas este descola-se do chão com o intuito de se impor sobre o espaço envolvente. Aqui os barrotes de madeira do pavimento encontram-se mais próximos diminuindo a sua permeabilidade.

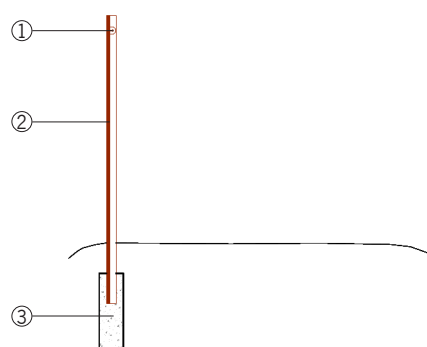
Percurso pedonal tipo 1



Caminho agrícola existente numa zona mais interior do Território das Masseiras.



Planta
Escala: 1/50



Corte
Escala: 1/50

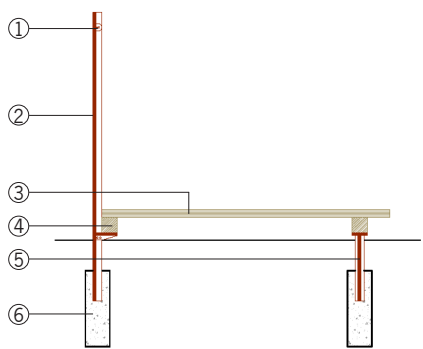
- ① Armadura de iluminação
- ② Perfil "U" em aço corten
- ③ Fundação pontual em betão



Percurso pedonal tipo 2



Antigo caminho abandonado.



Corte
Escala: 1/50

- ① Armadura de iluminação
- ② Perfil "U" em aço corten
- ③ Deck em madeira de pinho
- ④ Barrote em madeira de pinho
- ⑤ Perfil "T" em aço corten
- ⑥ Fundação pontual em betão

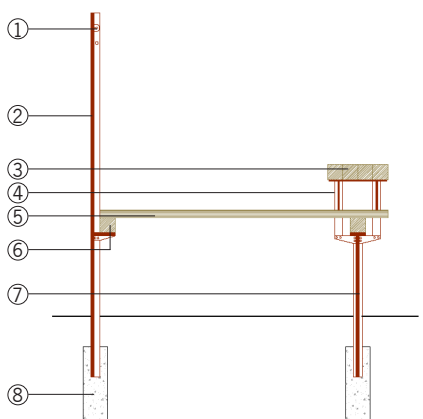


Planta
Escala: 1/50

Percurso pedonal tipo 3

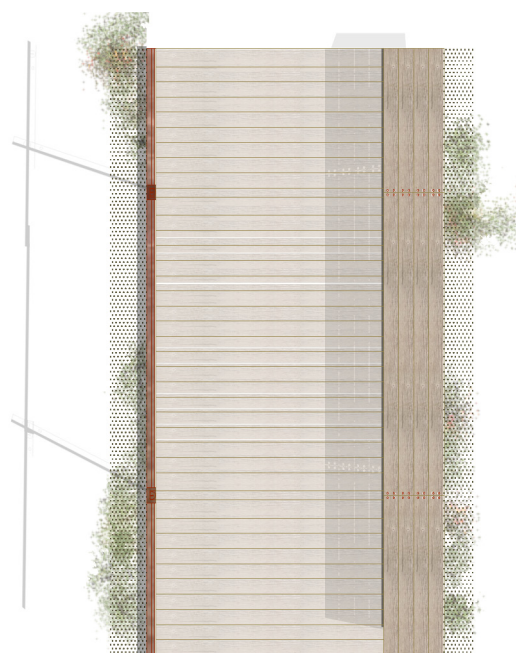


Terreno acidentado nas duna secundárias do território.



Corte
Escala: 1/50

- ① Armadura de iluminação
- ② Perfil "U" em aço corten
- ③ Barrote em madeira de pinho
- ④ Perfil "T" em aço corten
- ⑤ Deck em madeira de pinho
- ⑥ Barrote em madeira de pinho
- ⑦ Perfil "T" em aço corten
- ⑧ Fundação pontual em betão



Planta
Escala: 1/50



Implantação
Escala: 1/100

Estrutura de Estar e Atravessar do Rio Alto



Local de atravessamento num ponto onde o ribeiro do Rio Alto adquire uma maior largura.



Esta estrutura permite um espaço de estar e o atravessamento do Rio Alto entre o parque de campismo e a Azenha, aproveitando um caminho existente onde não existe nenhuma ponte que o permita transpor. Este desce à cota da água, onde coincide com o ponto onde outro ribeiro aflui no ribeiro Rio Alto. Aqui, este ganha uma maior largura apresentando uma densa vegetação nas margens tornando-o num lugar silencioso e introspectivo.

Assim, propõe-se uma plataforma com características que permitam o atravessamento do ribeiro e um ponto de paragem e contemplação. Esta proximidade com a água ainda reforçada visto que os barrotes que compõem o pavimento apresentam um maior afastamento de maneira a aumentar a sua permeabilidade e contribuir para a sua percepção mais directa.



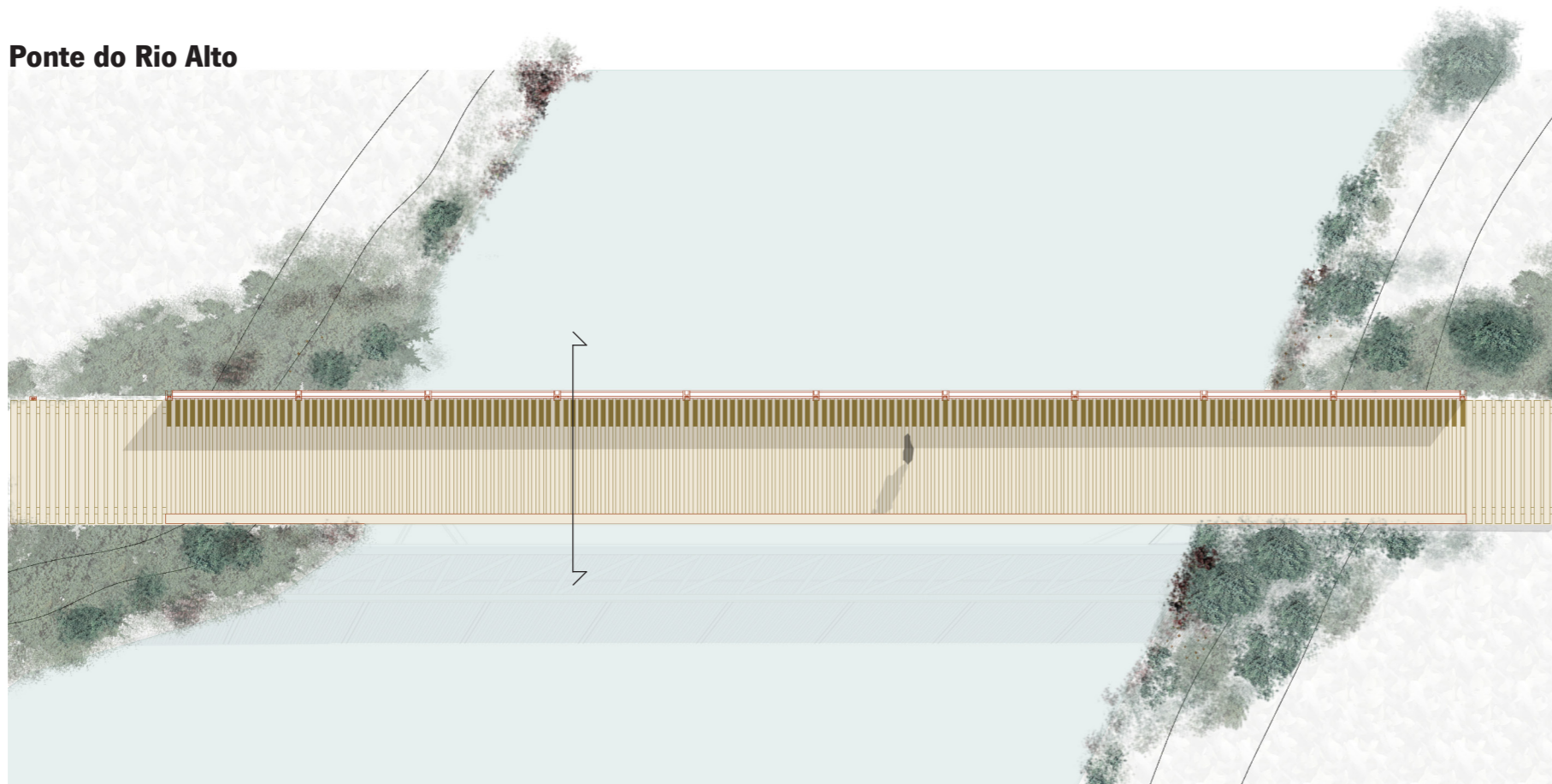
- ① Barrote em madeira de pinho
- ② Perfil "T" em aço corten
- ③ Deck em madeira de pinho
- ④ Perfil "H" em aço corten
- ⑤ Tubular em aço corten
- ⑥ Fundação pontual em betão

Corte
Escala: 1/50



Local de implantação da ponte localizada a Norte do território.

Ponte do Rio Alto

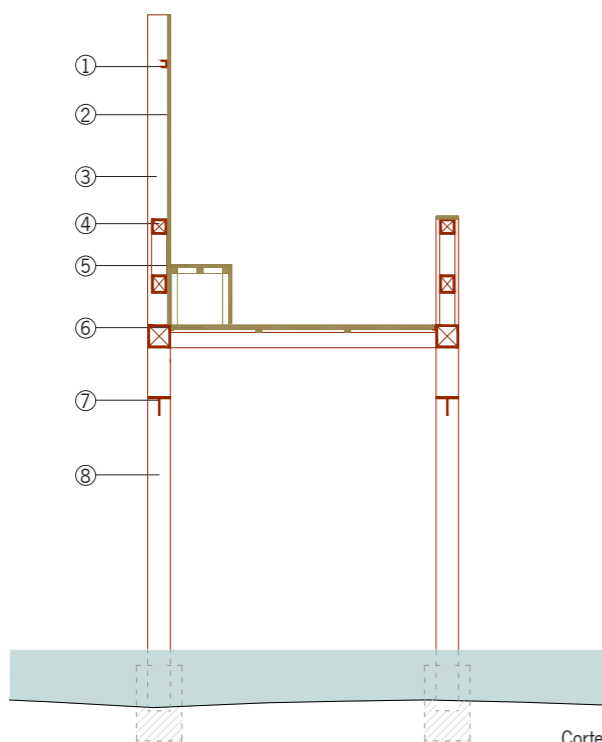


Implantação
Escala: 1/200



Esta ponte localiza-se próximo da foz do Rio Alto, num local menos protegido pela topografia e pela vegetação, estando mais exposto às nortadas. Como resposta a este problema esta estrutura apresenta um reticulado que funciona como um filtro combatendo a força do vento e permitindo um maior conforto aos passeantes. Paralelamente, aparece um banco ao longo da sua extensão de forma a que os passeantes possam aí parar para observar a paisagem.

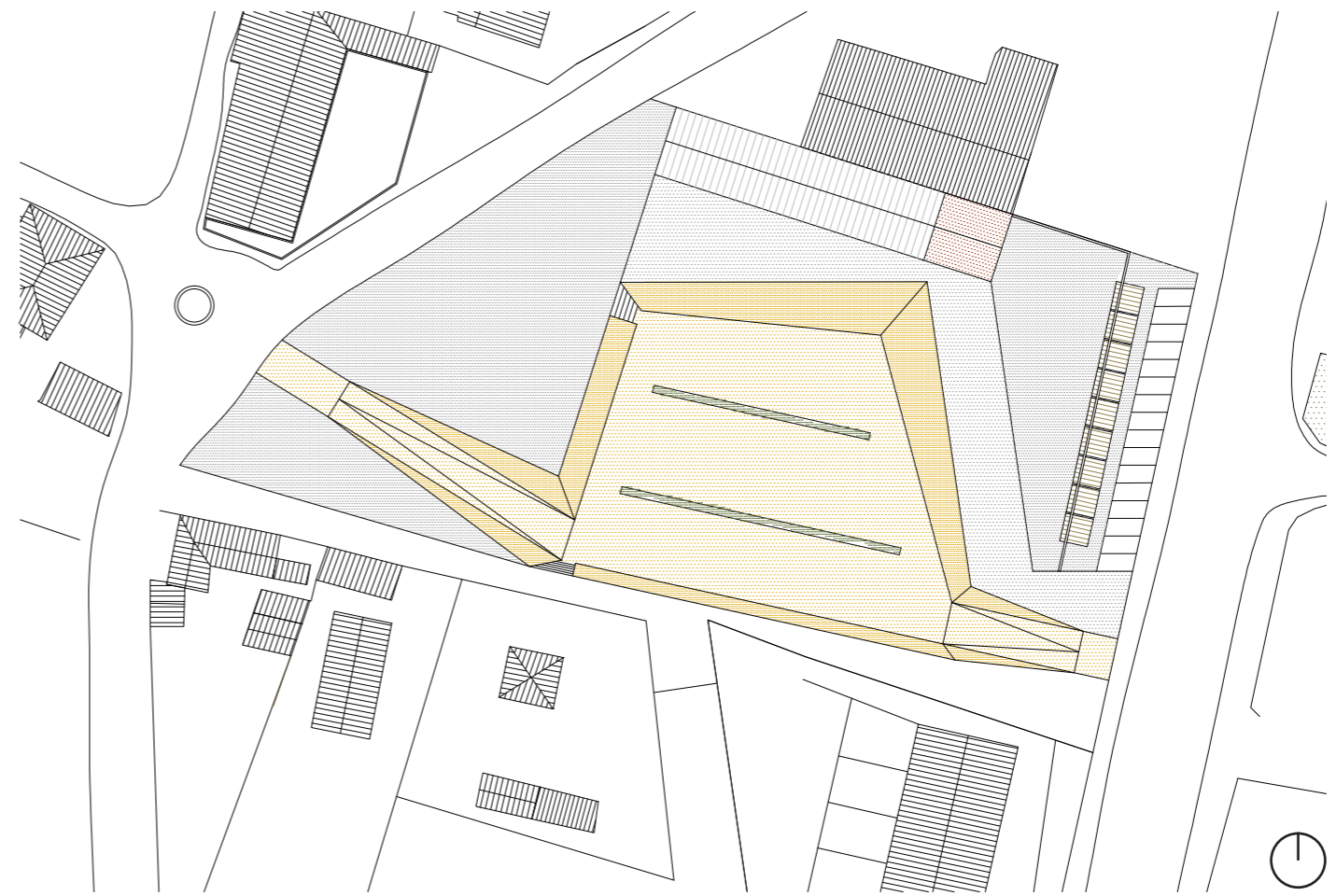
Devido à distância entre as margens, surgiu a necessidade de reforçar estrutura, dando-lhe uma maior dimensão. O seu desenho forma uma guarda, importante para a segurança das pessoas. Ainda foram previstos apoios ao longo da sua extensão permitindo mais facilmente vencer a distância entre as margens.



Corte
Escala: 1/100



Alçado Sul
Escala: 1/200



Implantação
Escala: 1/1000



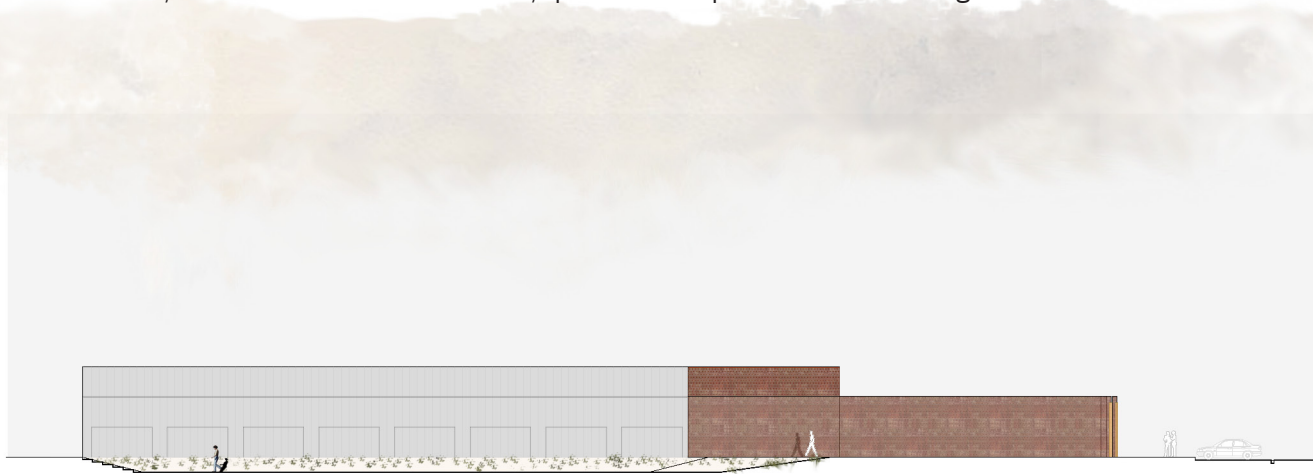
Local da implantação do espaço de articulação e comunicação.

2. Espaço de articulação e comunicação



A estrada nacional é importante para o território em estudo por ser um elemento fundamental para diversas dinâmicas existentes. Esta estabelece uma das principais relações com o exterior, sendo também o principal ponto de acesso para os visitantes. É aqui que começam a aparecer as primeiras pistas do que irá ser a sua paisagem, vão-se percebendo os campos agrícolas com as suas estufas, e muitos vendedores que aproveitam a visibilidade do local para escoar os seus produtos.

O espaço proposto pretende estabelecer a transição e a articulação entre esta via e o Território das Maseiras. Neste sentido, pretende-se aproveitar a visibilidade que este local proporciona e servir torna-lo numa montra simbólica do território de forma a apelar à curiosidade das pessoas que aí transitam. Ao mesmo tempo começa a introduzir formalmente algumas referências, através de elementos icónicos, que remetam para uma ideia do lugar.

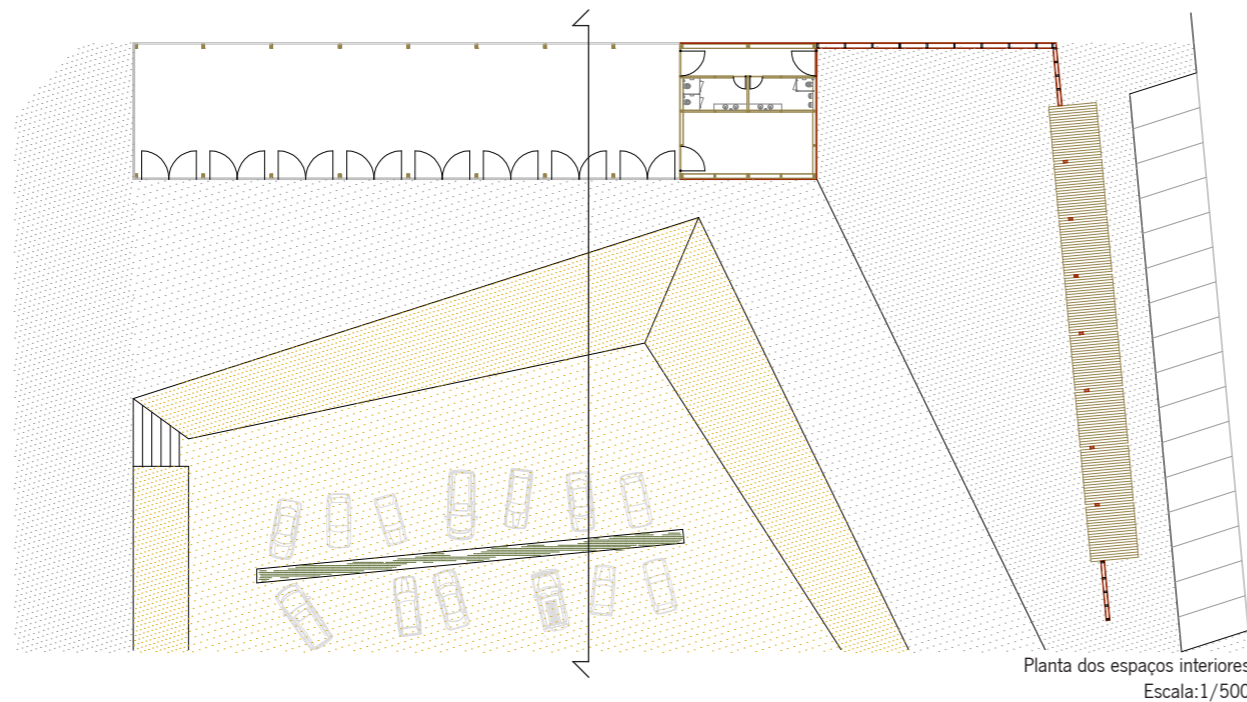


Alçado Sul
Escala: 1/500

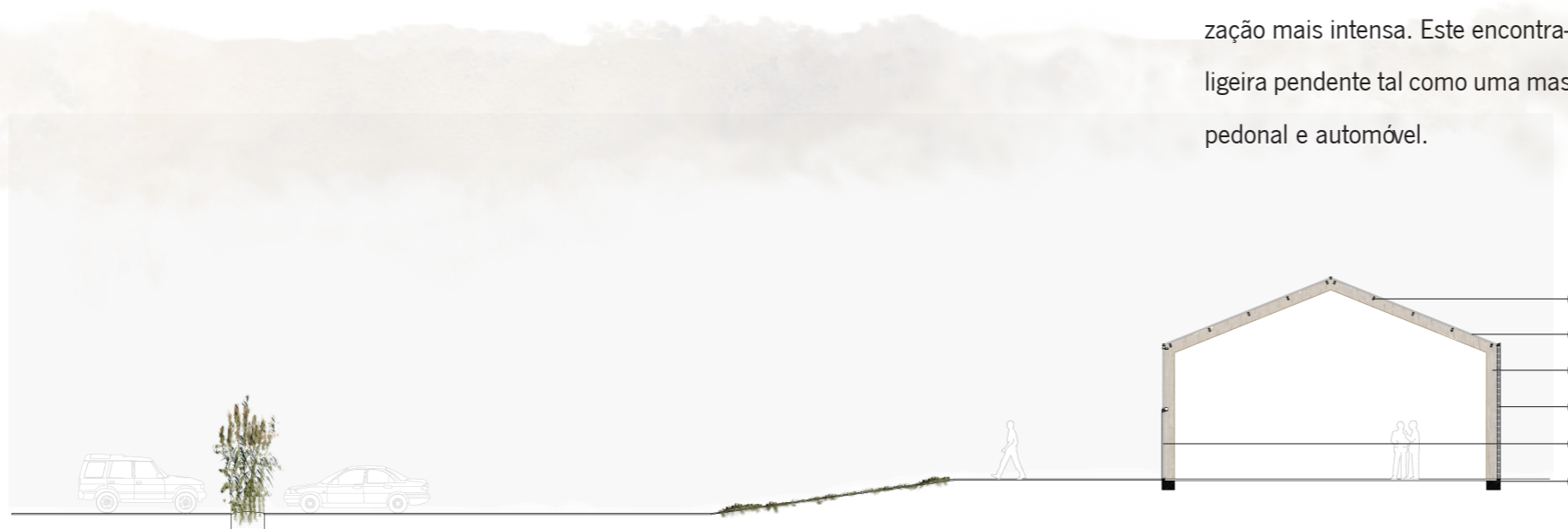
Funcionalmente pretende ser um espaço capaz de se adaptar a diversos usos. Em primeiro lugar tem um espaço interior multifuncional para que aqui se possam fazer exposições, congressos ou feiras de forma a dinamizar a relação da agricultura local com o exterior. Este é formalizado num volume composto por um espaço que garanta esta possibilidade de usos, com uma área de apoio composta por um espaço de arrumos e outra relativa aos sanitários. Formalmente este remete à forma icónica dos tradicionais barracões e dos edifícios de apoio aos campos agrícolas existentes no território. É dividido em dois elementos um primeiro com as proporções dos antigos barracões e um segundo que, em continuidade do anterior, fica voltado para a estrada nacional e tem as proporções dos edifícios de apoio aos campos agrícolas. Assim, apresentam materiais distintos nos seus paramentos exteriores, sendo que o mais pequeno, por se voltar para a estrada nacional utiliza o aço corten, já que é um material com cor e textura expressiva e assim é capaz de captar a atenção. O volume maior em alusão às estufas, que se proliferaram por todo o território, utiliza painéis de policarbonato alveolar translúcido.

A dinâmica existente na venda de produtos ao longo da estrada nacional será formalizada neste espaço, potenciando-a e permitindo que esta participe simbolicamente na mensagem que comunica às pessoas que por aí passam. Neste sentido, será introduzida uma linha de painéis rebatíveis junto da estrada, que definam os espaços de venda e possibilitem o controlo da permeabilidade na relação entre a estrada e o interior. A existência de estacionamento directo proporciona uma maior fluidez no acesso aos pontos de venda pelos automobilistas em referência às lógicas de venda ao longo desta estrada.

Contudo, prevê-se um outro estacionamento com maior capacidade para apoiar uma utilização mais intensa. Este encontra-se a uma cota ligeiramente inferior com os seus limites com uma ligeira pendente tal como uma masseira, tentando também criar uma hierarquia com a diferenciação pedonal e automóvel.



Planta dos espaços interiores
Escala: 1/500

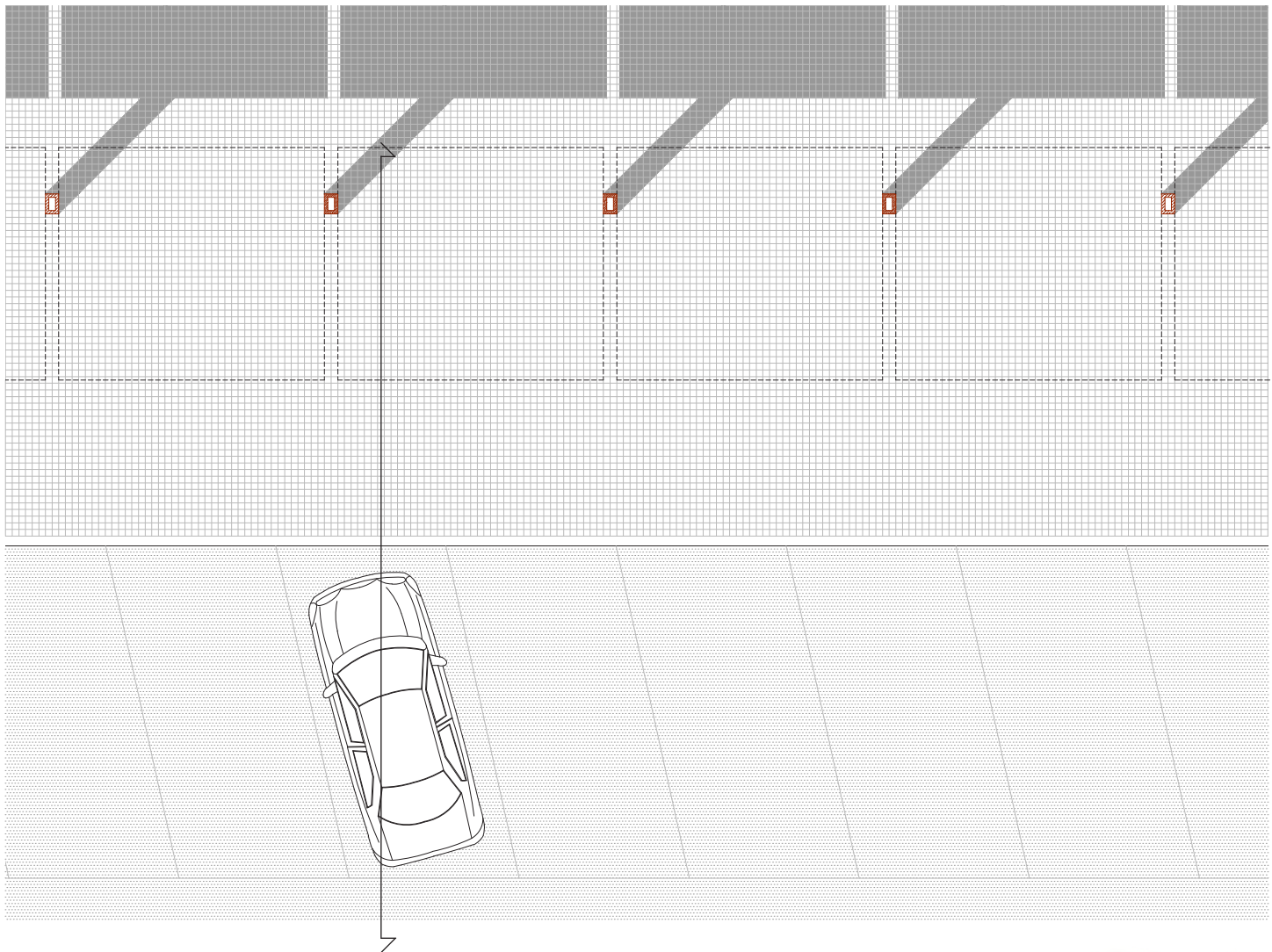


Espaço de exposições e de conferências - Corte
Escala: 1/200

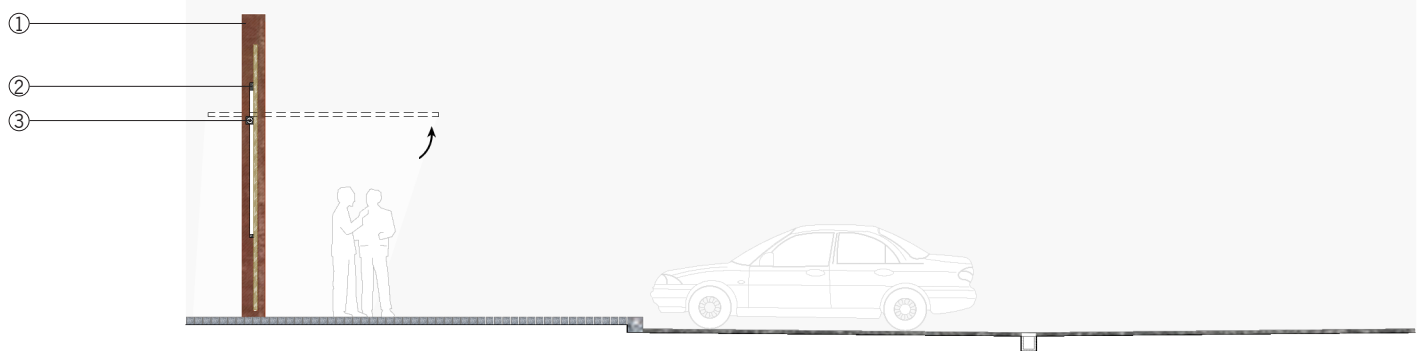
- ① Tubular em aço
- ② Policarbonato alveolar
- ③ Barrote em madeira de pinho
- ④ Painel em betão
- ⑤ Deck em madeira de pinho
- ⑥ Perfil "T" em aço corten
- ⑦ Vão pivotante em policarbonato alveolar
- ⑧ Fundação corrida em betão



Exemplo de um ponto de venda de produtos agrícolas existente na Estrada Nacional



Plataformas de venda - Planta
Escala: 1/100

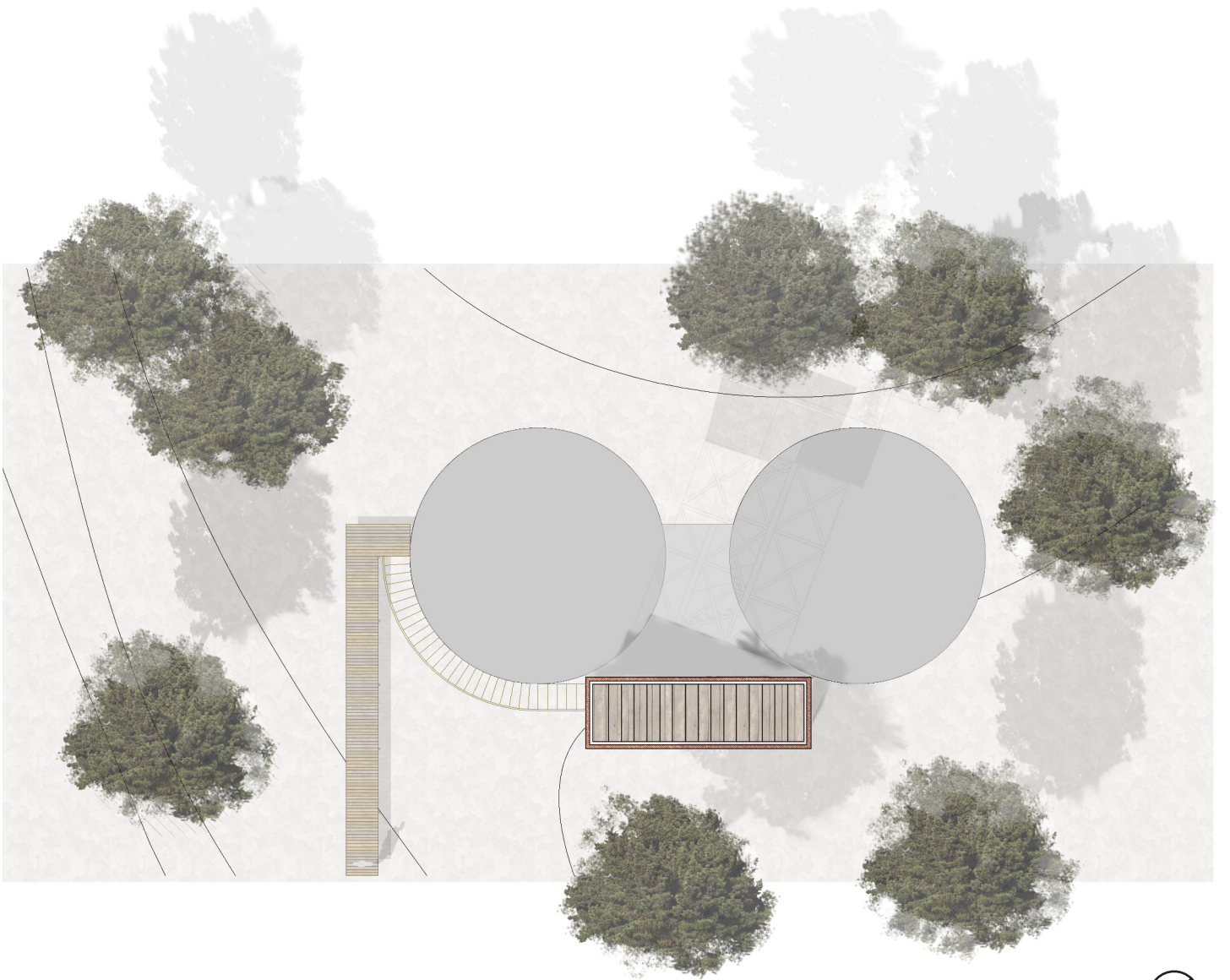


Plataforma de venda - Corte
Escala: 1/100

- ① Perfil "H" em aço corten
- ② Panel pivotante em madeira de pinho
- ③ Rótula em aço



Vista panorâmica sobre o Território das Masseiras, no local de cota mais elevada no parque de campismo



Torre de interpretação da paisagem implantada sobre um depósito existente no local de cota mais elevada do território.
Escala: 1/200



3. Torre de Interpretação da Paisagem



Para uma melhor compreensão do território, tanto por parte dos passeantes que vem conhecer o local, mas também dos próprios habitantes deste local, surge a possibilidade de criar uma torre de observação que permita uma visão mais ampla deste território. Normalmente as pessoas fazem uma leitura de forma fragmentada do território, sendo que esta estrutura permite que as pessoas tenham assim uma leitura geral e completa.

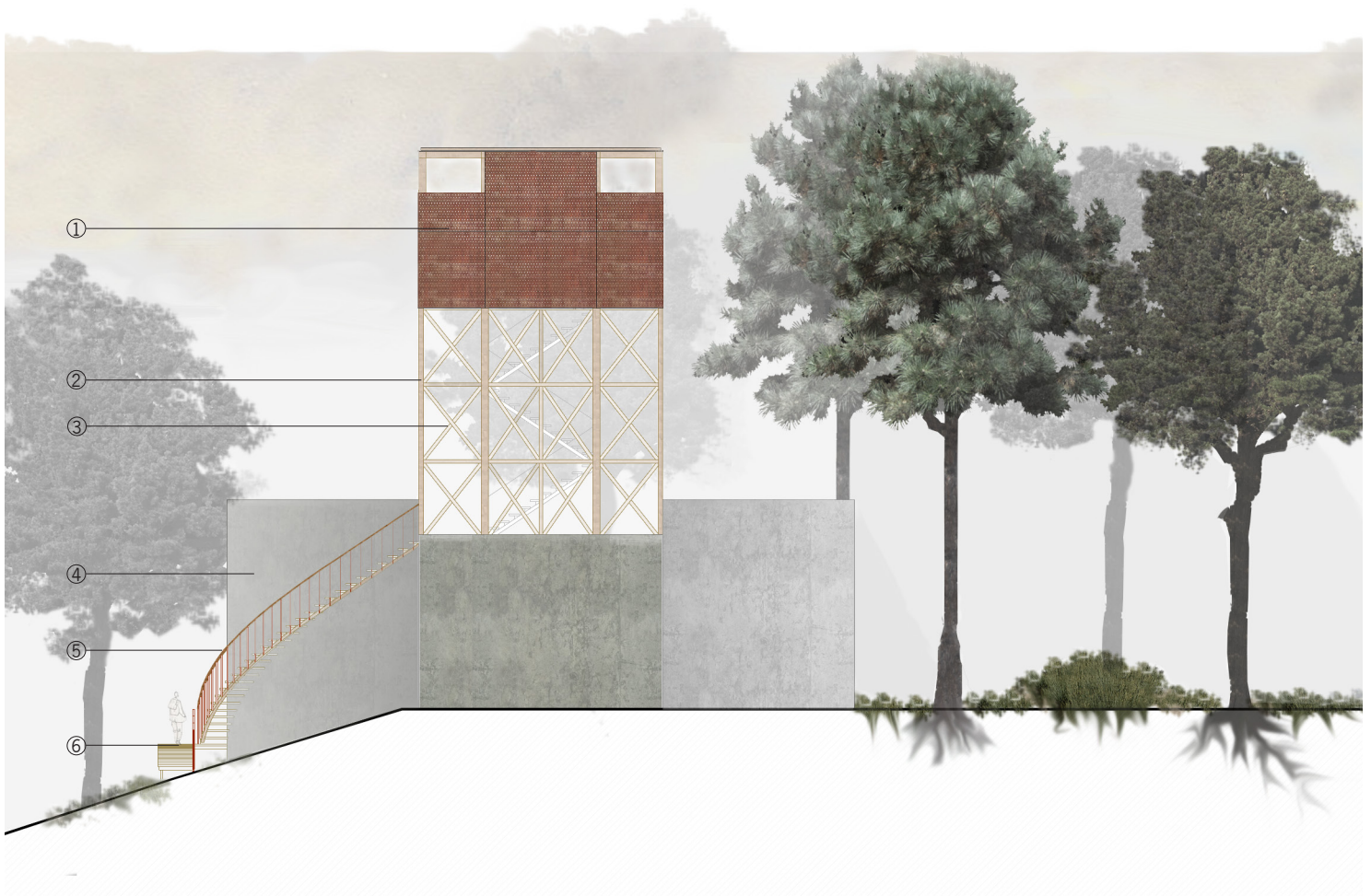
Este implanta-se no ponto mais elevado do território em estudo, situado no limite Este do Parque de Campismo do Rio Alto, onde também existe a estrutura de um depósito. A torre integra-se na forma do depósito, no qual se apoia permitindo assim uma mais fácil elevação sobre os pinheiros. Também permite a interpretação de uma estrutura importante para este local, já que o percurso de acesso à torre é por si só uma forma de reconhecimento. Com isto pretende-se uma maior coexistência paisagística, onde os seus elementos surgem de uma forma articulada.

Este local é também importante pelo facto de se situar no ponto onde a via automóvel que liga à estrada nacional curva em direcção à vila da Aguçadoura. Torna-se importante que esta torre não seja apenas um ponto de observação mas também um elemento de referência visual no território, tal como um “farol”, que aparece também para ser observado.

Esta é constituída por uma estrutura em madeira à qual são adicionados painéis de aço corten que definem os paramentos exteriores, de forma a reforçar a sua expressão visual sobre o território.



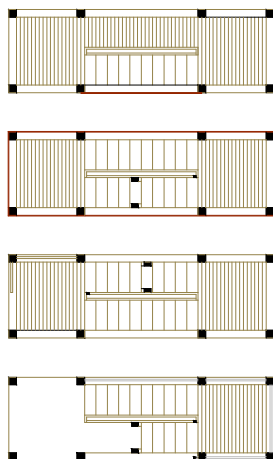
A torre tem uma altura de 16 metros de modo a permitir a observação sobre as árvores.
Alçado Sul
Escala: 1/200



A torre eleva-se também pretendendo ser um ponto de referência visual no território.

Alçado Nascente

Escala: 1/200



Plantas dos Pisos da estrutura proposta
Escala: 1/200

- ① Painel em aço corten
- ② Barrote em madeira de pinho
- ③ Contraventamento em madeira de pinho
- ④ Estrutura de depósito preexistente
- ⑤ Perfil "I" em aço corten
- ⑥ Passadiço em madeira de pinho

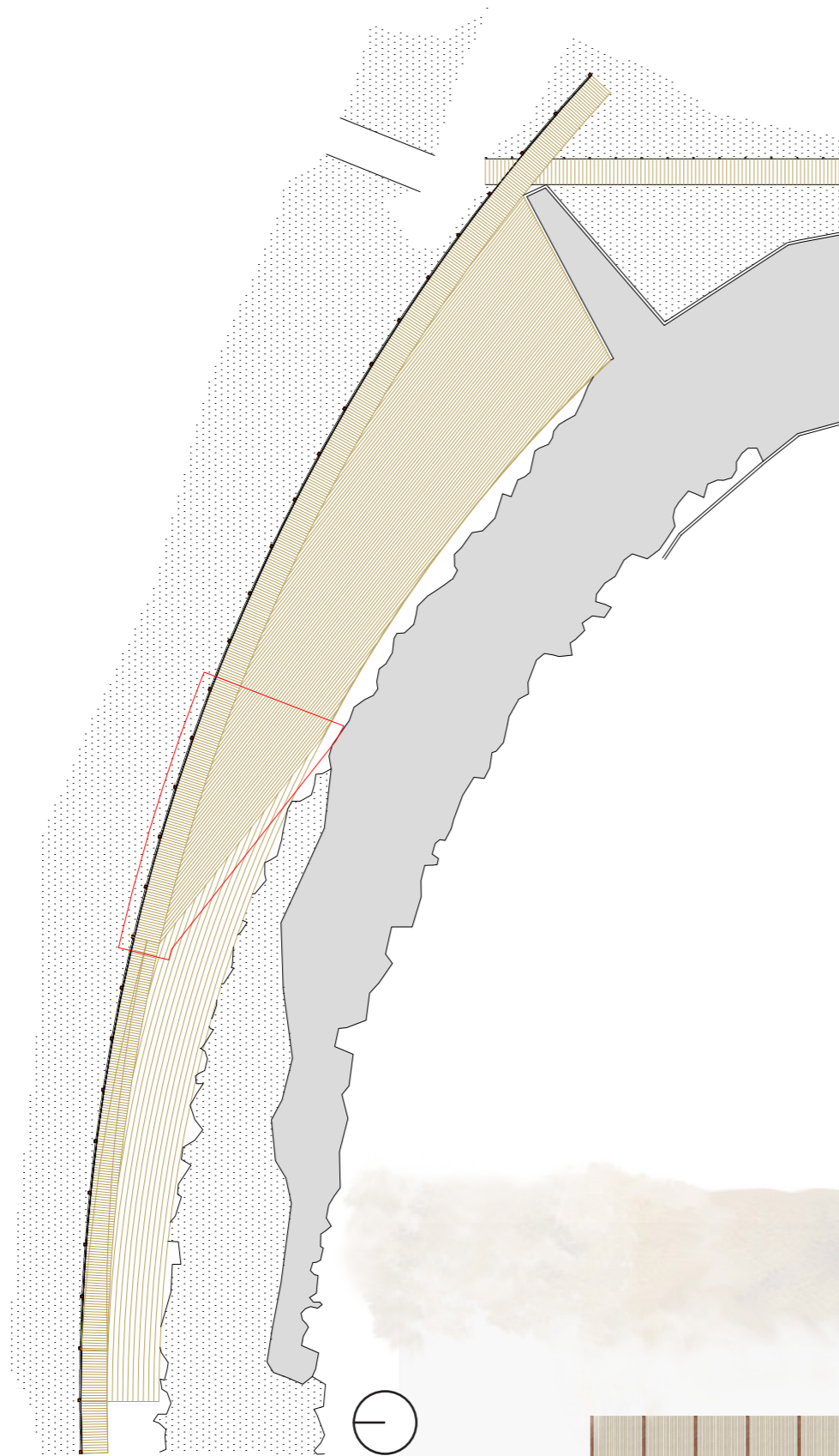


Rio Alto no local onde contorna o cordão dunar para desaguar no mar.



Exemplo de uma malha de caniços colocada no cimo dos valados dos campos em masseira para proteger as plantações da acção dos ventos.

4. Plataforma de Estar



Implantação
Escala: 1/500



Alçado Sul
Escala: 1/500



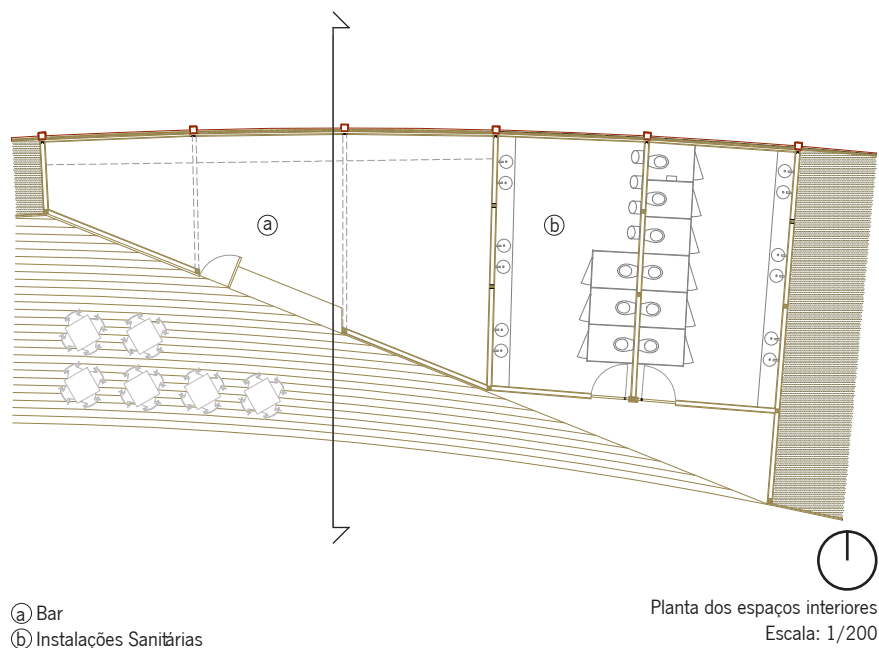
Esta estrutura apresenta-se como uma referência formal do ponto onde o Rio Alto desagua no mar. A forma da sua implantação apresenta uma curva que acompanha a margem Norte deste ribeiro, no local onde este contorna o cordão dunar até ao ponto onde a sua água se infiltra nas areias da praia.

O limite norte desta estrutura, formado por um reticulado de perfis verticais, apresenta uma dupla função. Em primeiro lugar este surge pela sua capacidade de vincar na paisagem a foz do Rio Alto, como já foi atrás referido. Este forma uma superfície visual capaz de destacar-se no território e ser vista à distância. A segunda função resulta da necessidade de criar um filtro sobre os fortes ventos vindos do Norte, as nortadas, protegendo assim as plataformas e tornando-as locais atractivos para o turismo balnear.



- ① Perfil "U" em aço corten
- ② Perfil "H" em aço corten
- ③ Ripa em madeira de pinho
- ④ Deck em madeira de pinho
- ⑤ Painel em madeira de pinho
- ⑥ Fundação pontual em betão
- ⑦ Alvenaria de pedra

Corte
Escala: 1/100



Esta estrutura é constituída por duas plataformas que estão distribuídas ao longo da pendente natural do areal. Estas organizam-se longitudinalmente sendo que uma encontra-se mais elevada que a outra e na sua intercepção aparecem os espaços interiores de apoio, um bar e as instalações sanitárias.

De certa forma esta estrutura apresenta-se como um campo em masseira onde existe um espaço interior protegido dos ventos através de um filtro e da diferença de cotas entre o local exposto e o protegido.

Aqui as questões do ritmo e da materialidade também são abordadas com os mesmos pressupostos de todo o projecto, sendo que o ritmo é formado pela estrutura que suporta o reticulado, aparecendo em aço corten, a restante estrutura é essencialmente em madeira.



Roda da Azenha

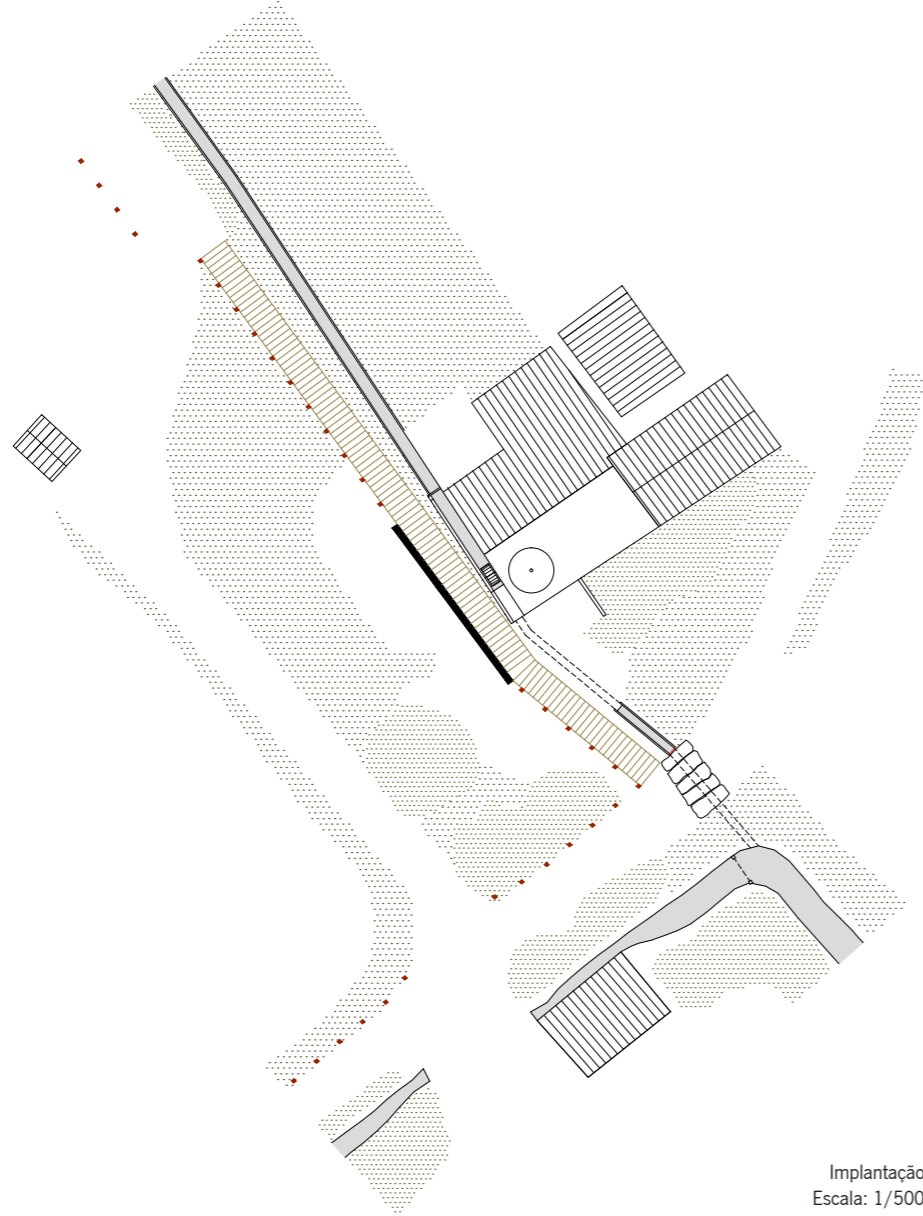


Mecanismo que compõe a Azenha.



Azenha do Rio Alto

5. Percurso de compreensão dos sistemas hídricos



A estrutura da Azenha e do Moinho representa uma marca importante na construção do território em estudo. Apesar de se encontrar inactivo contém um valor simbólico importante para a sua compreensão.

O próprio edifício apresenta varias fases evolutivas. A principio seria apenas uma azenha, ao qual posteriormente foi adicionado um pequeno moinho. A terceira fase consistiu na ampliação deste edifício deixando a roda da azenha no seu interior.

Esta intervenção pretende criar um percurso que permita o reconhecimento deste sistema mecânico e da linha de água que o alimenta. Para isso, foi necessário voltar a pôr visível a roda que o compõe. Assim, eliminando-se as paredes do edifício que teriam sido construídas nesta ultima fase e fazendo aí passar o percurso. Apenas se mantêm uma dessas paredes como elemento que preserve a memória do edifício, permitindo aos passeantes uma melhor compreensão da sua evolução. Esta intervenção, também, pretende consolidar e tornar visível a linha de água da azenha, de forma a que este sistema seja compreendido por quem passa pelo percurso que o acompanha.



Linha de água que alimenta o mecanismo - Corte
Escala: 1/200



Estacionamento Sul - Implantação
Escala: 1/1000



Estacionamento Sul - Corte
Escala: 1/200

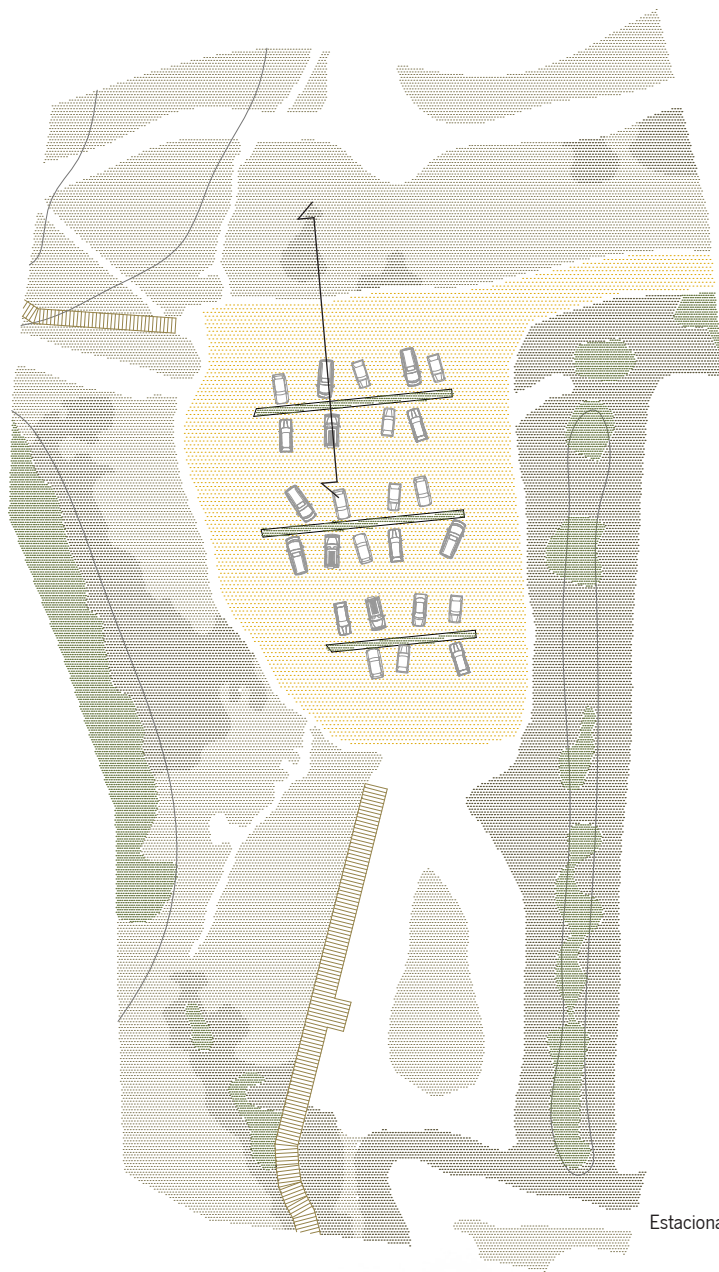
6. Estacionamentos



O crescente interesse verificado no Território das Masseiras para a prática de turismo balnear devido às suas extensas praias, tem provocado um aumento de automóveis estacionados junto dos acessos às praias de forma desordenada. Esta realidade que tem descaracterizado a paisagem, sendo o resultado da inexistência de locais qualificados para a função. Daí surgiu a necessidade de apresentar neste trabalho uma solução que, compreendendo esta como uma realidade incontornável, permita a integração destes veículos no contexto da paisagem existente. Com o tempo este problema tem adquirido uma maior dimensão em vários locais do território. Desta forma, tornou-se necessário que a estratégia proposta seja suficientemente flexível para poder ser aplicada em várias situações e que compreenda que esta é uma realidade sazonal, que apenas se verifica na plenitude nos meses mais quentes.



Antigo campo em massaieira onde se pretende implantar um local destinado ao estacionamento.



Estacionamento Norte - Implantação
Escala: 1/1000



Estacionamento Norte - Corte
Escala: 1/200

Propõem-se assim a implantação de um elemento que tem a dupla função de organizar e dissimular os veículos existentes, integrando-se na paisagem estando ou não ocupado. Neste sentido, surge a ideia de que o elemento organizador proposto seja as fileiras de caniços, que devido ao facto de serem elementos pertencentes na paisagem existente, e a sua dimensão possibilitem dissimular o veículos. Assim, bastará encontrar um espaço disponível junto de um acesso à praia e por fim introduzir estes elementos. Pretende-se que os condutores ao estacionarem os seus automóveis nestes locais, intuitivamente, tenham tendência para se organizarem ao longo destas fileiras. A inexistência de espaços individuais delimitados para os veículos criará uma determinada aleatoriedade na sua disposição que se tornará favorável na composição visual do conjunto.

Foram propostos dois exemplos de espaços deste tipo, que reflectem duas zonas onde esta realidade se torna mais evidente. Um a norte, aproveitando um espaço que já servia de local de estacionamento. Aqui pretende-se que a introdução destes elementos propostos permitam uma melhor integração paisagística e organização que a já existente. E um outro a sul, que aproveitará um campo em masseira abandonada, representando assim uma situação diferente. O principal objectivo na escolha do local de implantação foi o de impedir que os veículos estacionem junto dos antigos abrigos dos pescadores, deixando-os neste local e fazendo o restante trajecto a pé. Também por se localizar junto do percurso pedonal proposto neste trabalho, possibilitando assim um espaço de estacionamento a quem pretende percorrer o território. Aqui, os automóveis estarão também a um nível inferior ao da rua fazendo com que estejam ainda mais distanciados da percepção de quem aí passa.



Local utilizado como estacionamento a Norte do território.

Conclusão

O território resulta de um constante acumular de marcas dos distintos processos de construção ao longo do tempo. Estes processos decorrem de factores físicos e humanos, originando diferentes dinâmicas, naturais ou culturais. Assim, a intervenção no território surge como mais uma marca desta construção. O acto de intervir implica, assim, o reconhecimento do preexistente já que os elementos introduzidos podem contribuir oportunamente para os processos existentes. Intervir no lugar tendo em conta o tempo é ter consciência que os elementos introduzidos farão parte de algo mais abrangente do que o objecto proposto.

O reconhecimento do território parte de um olhar específico intrinsecamente associado ao autor que o interpreta. Cada autor é condicionado pelos meios e ferramentas que domina, pela sua formação e pelo acesso a informação do local, tal como aconteceu com a análise efectuada ao Território das Masseiras. Esta análise partiu de um primeiro olhar, que resultou na introdução do tema *tempo*, que foi evoluindo no decurso do estudo. Esta abordagem conduziu a um olhar específico que foi sendo construído à medida que se ia conhecendo o território e, paralelamente, se ia percebendo o que realmente pode significar o conceito de *tempo*. A investigação, também foi condicionada em diversos aspectos, nomeadamente a elevada dimensão do território, o facto de abranger diferentes regiões e municípios onde os planos não se encontram devidamente articulados e um limitado acesso à cartografia. Tudo isto, conduziu a uma análise particular do território na qual foram encontradas oportunidades e problemáticas deste território.

O projecto proposto resulta então de um constante balanço entre o reconhecimento interpretativo e a proposta. Não se pretende que esta se assuma como a solução ideal para todos os problemas do território, mas que incorpore um conjunto de estratégias pontuais que assumam as problemáticas encontradas como oportunidades a serem potenciadas. Contudo, deve ter-se a consciência que estas estratégias apenas são o resultado da análise efectuada, visto que, se a análise partisse de um outro olhar teria como resultado um conjunto de soluções diferentes, que seriam igualmente válidas.



Extenso areal do Território das Masseiras.

O estudo efectuado sobre o conceito de tempo neste território também foi fundamental para a concretização de soluções de projecto. Assim, o *tempo* foi o ponto de partida na abordagem ao território, o limite do processo de análise e, ainda, o resultado projectual. As questões levantadas pelo tema do trabalho reflectiram-se na proposta de projecto, entendida como uma nova etapa na construção do território. Desta forma, tornou-se fundamental reconhecer determinadas questões que permitissem articular esta nova camada às preexistentes, questões como as meteorológicas, principalmente relacionadas com o vento, a importância dada ao ritmo visual da paisagem, a tentativa de representar a entropia, principalmente na escolha dos materiais, a preocupação com o fenómeno do turismo balnear no Verão, ou até na importância do movimento das pessoas ou dos elementos naturais nesta paisagem. Muitas das soluções partiram da reinterpretação feita sobre os elementos já existentes, tentando preservar uma ideia de lugar.

O resultado formal do projecto, ainda, vive muito dos aspectos visuais que resultam da preocupação em responder à importância que o consumo de imagens tem para a sociedade contemporânea. Assim a questão simbólica das imagens tem especial relevância, as estruturas apresentam formas e materiais que pretendem, acima de tudo, transmitir uma mensagem às pessoas.

A proposta apresentada pretende dar uma resposta formal aos problemas encontradas no território, e desta forma, apresenta soluções mais relacionadas com os aspectos visuais da paisagem. Para uma reabilitação mais abrangente de um território tão rico como o Território das Maseiras seria necessário um estudo mais aprofundado e multidisciplinar, na tentativa introduzir e potenciar as suas virtudes. Assim, poderiam ser encontradas soluções, aproveitando as características físicas e humanas existentes de modo a responder a problemas da actualidade. Como exemplo, na agricultura, as estufas não aproveitam as características paisagísticas do local, seria interessante encontrar técnicas/estruturas de cultivo que conciliassem da melhor forma estas características sem que isso representasse uma menor produção. Deve-se perceber a importância dos valados e da vegetação na protecção dos campos agrícolas das nortadas. Como o campo de golfe, que surge ao longo do cordão dunar, poderia surgir de forma integrada na paisagem envolvente, também encontrar soluções para conter as areias da duna que tem sofrido uma constante erosão do mar. Portanto, também poderiam surgir imensas oportunidades que, por vezes, se apresentam de uma forma invisível, poderiam valorizar toda esta paisagem que representa o Território das Maseiras.

BIBLIOGRAFIA

- ABALOS, I.; RUBY, A. – *Groundscapes. El reencuentro com el suelo en la arquitectura contemporánea*. Barcelona: Land&Scape Series, Editorial Gustavo Gili, 2006.
- AMORIM, I.; POLÓNIA, A.; OSSWALD, M. – *O Litoral em perspectiva histórica (sec. XVI a XVIII)*. Porto: Instituto da História Moderna, Centro Leonardo Coimbra, 2002.
- AZEVEDO, Ana F. - *a ideia de paisagem*. Porto: Figueirinhas, 2008.
- JUNTA DE COLONIZAÇÃO INTERNA – *Aguçadoura. Estudo Económico-agrícola*. Lisboa, 1944.
- BALCELLS, Conxita – *Al lado de, Alonside. limites, bordes y fronteras. boundaries, borders and frontieres*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.
- BAUD, P.; BOURGEAT, S.; BRAS, C. – *Dicionário de Geografia*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 1999.
- BELL, Simon – *Elements of Visual Design in the Landscape*. London: E & FN Spon, 1993.
- BORGES, António B. – *Monografia de Aguçadoura*. Porto: Orgal, 1990.
- BEIGEL, Florian; CHRISTOU, Philip – *Architecture as City. Saemangeum Island City*. Vienna: Springer, 2010.
- BEIGEL, Florian; CHRISTOU, Philip – *Time architecture*. Londres: Metropolitan University, 2003.
- CARERI, Francesco – *Walkscapes – El andar como práctica estética*. Barcelona: Land&Scape Series, Editorial Gustavo Gili, 2002.
- CASTELEIRO, João – *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Verbo, 2001
- CORBOZ, A.; TIRONI, G. – *L'espace et le détour: entretiens et essais sur le territoire, la ville, la complexité et les doutes*. Lausanne: L'Age d'Homme, 2009.
- CORNER, James – *Recovering Landscape. Essays in contemporary landscape architecture*. New York: Princeton Architectural Press, 1999
- CORNER, J.; KUGLER, E.; TIBERGHEN, G. (Eds) – *Intermediate Natures. The Landscapes of Michel Desvigne*. Basel: Birkhäuser, 2009.
- DOMINGUES, Álvaro – *Vida no campo*. Porto: Dafne Editora, 2011
- FERNANDES, J.; MARQUES, H.; MARTINS, L. – *Porto. Percursos nos espaços e memórias*. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

- FIGUEIREDO, C. – *Grande dicionário da Língua Portuguesa*. Venda Nova: Bertrand Editora, Vol.I e II, 25ª edição, 1996.
- GALÍ-IZARD, T. – *Los mismos paisajes. ideas e interpretaciones*. Barcelona: Land&Scape Series, Editorial Gustavo Gili, 2005.
- GAUSA, Manuel – *The metapolis of advanced architecture. City, technology and society in the information age*. Barcelona: Actar, 2003.
- LACOSTE, Yves – *Dicionário de Geografia - Da geopolítica às paisagens*. Lisboa: Teorema:2003.
- LEVINE, Robert – *A Geography of Time. The temporal misadventures of a social Psychologist, or how every culture keeps time just a little bit differently*. Oxford: One World Publications, 2006.
- MAROT, S. – *Suburbanismo y el arte de la memoria*. Barcelona: Land&Scape Series, Editorial Gustavo Gili, 2006.
- RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Herman; DAVEAU, Suzanne - *Geografia de Portugal. I. A posição Geográfica e o Território*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1998.
- RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Herman; DAVEAU, Suzanne - *Geografia de Portugal. II. O Ritmo Climático e a Paisagem*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1999.
- RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Herman; DAVEAU, Suzanne - *Geografia de Portugal. III. O Povo Português*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1999.
- RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Herman; DAVEAU, Suzanne - *Geografia de Portugal. IV. A Vida Económica e Social*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1991.
- SMITHSON, Robert; FLAM, Jack – *The Collected Writings*. Berkeley: University of California Press, 1996.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi de – *De cosas urbanas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2008.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi de – *Territorios*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, SA, 2002.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi de; PARCERISA, Josep – *La forma de un país. RevistaQuaderns d'arquitectura i urbanisme Extra N° 1. Col·legi d'Arquitectes de Catalunya*, Barcelona, 1981
- VENTURI, R.; IZENOUR, S.; BROWN, D. – *Aprendiendo de Las Vegas. El simbolismo olvidado de la forma arquitectónica*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1998.
- VROON, Meto J. – *Lexicon of garden and landscape architecture*. Basel: Birkhäuser, 2006.
- ZIMMERMAN, Astrid – *Constructing Landscape*. Basel: Birkhäuser, 2ª edição, 2011.

